

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

MILENA BOMFIM DA LUZ

**ESPORTE, *SOFT POWER* E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: UMA ANÁLISE
DOS JOGOS PAN-AMERICANOS DE BUENOS AIRES (1951) E DO RIO DE
JANEIRO (2007)**

SÃO PAULO

2025

MILENA BOMFIM DA LUZ

**ESPORTE, SOFT POWER E MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: UMA ANÁLISE
DOS JOGOS PAN-AMERICANOS DE BUENOS AIRES (1951) E DO RIO DE
JANEIRO (2007)**

Trabalho de Graduação Individual (TGI)
apresentado ao Departamento de
Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas para a
obtenção de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia
Humana

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cassia
Ariza da Cruz

SÃO PAULO

2025

Dedico à Josh, Ivanete Bomfim e André Raposo,
minhas fortalezas e inspirações.
Vai Corinthians!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha querida mãe Ivanete e ao meu pai Jorge, que mesmo diante de tantas adversidades me deram as condições e o suporte necessário para conseguir chegar a esse lugar tão restrito e almejado que é a Universidade de São Paulo. Agradeço também à minha irmã Marina, ao meu cunhado Rafael e claro ao meu tão amado filho de quatro patas Josh que me fez companhia e - a sua maneira - me deu forças para continuar vivendo o desafio da graduação.

Muito obrigada a minha psicóloga Ana Karollyne, que me ajudou a enfrentar os últimos dois anos do bacharelado, o processo da licenciatura e o estágio remunerado na educação pública. Agradeço às minhas duas pequenas Letícia e minha afilhada Maria Antônia, filha de minha querida e eterna prima Ana Clara que embora tenha nos deixado sempre será lembrada pelo apoio e pela felicidade por meu ingresso na USP.

Agradeço imensamente ao meu amor André por todo apoio, escuta, acolhimento e torcida, por sempre me encorajar a encarar os desafios, por me incentivar diariamente a nunca desistir mesmo diante de tantos obstáculos e por ser um exemplo e inspiração para mim.

Muito obrigada a escola EMEF Antônio Estanislau do Amaral, onde estudei por oito anos de minha vida e onde tive a oportunidade de retornar para trabalhar por dois anos como estagiária da Prefeitura de São Paulo. Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa caminhada, e em especial às minhas amigas Kaolin e Maecia, às professoras Jamille e Mônica Gouveia que são inspirações para mim, ao meu colega Paulo e dona Maria.

Gratidão também às minhas amigas da época da escola Keyce, Ariani, Rafaela e Ana Karolina, com quem ainda mantengo uma relação de carinho e respeito mesmo diante da correria da vida.

Agradeço aquelas pessoas que fizeram parte da minha trajetória dentro da Universidade de São Paulo e especialmente aquelas que encontrei dentro do departamento de Geografia. Obrigada aos meus queridos do Laboplan: Bruno Candido, Rodrigo Almeida, Allan Julião, Cristina e muitos outros por todo suporte nas questões acadêmicas e por tornar o ambiente mais leve e divertido. Obrigada

aos meus maravilhosos amigos e parceiros de trabalhos que levarei para a vida, Lucas Fonseca e Rafaela Campos; obrigada a Yasmin Ventura por me proporcionar boas risadas e a Bianca Giordano pelos momentos e conversas. Por fim, agradeço ao meu amigo politécnico Gil e também a todos que passaram na minha vida e que foram importantes ao longo da graduação, mas que por algum motivo não tenho mais contato.

Agradeço à Geografia por me proporcionar tantas experiências incríveis e tantos conhecimentos valiosos que mudarão minha realidade. Por fim, agradeço especialmente à minha orientadora, a professora Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz por todo o suporte, paciência e principalmente por me mostrar que poderia pesquisar sobre o que eu amo dentro dessa ciência tão vasta que é a Geografia.

LUZ, M. B. Esporte, soft power e os megaeventos esportivos: uma análise dos Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires (1951) e do Rio de Janeiro (2007). São Paulo. 2025. Trabalho de Graduação Individual (TGI) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

RESUMO:

Configurando-se como um veículo para promoção de agendas diplomáticas e projetor de imagens e/ou de ideologias de variadas ordens, o esporte tem-se destacado a partir do século XX, enquanto um instrumento cultural do chamado *soft power*. Na atualidade, a atração do *soft power* por meio do esporte tem se materializado através de megaeventos esportivos, seja a partir daqueles historicamente utilizados e de maior escala de abrangência como os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo de Futebol Masculino ou por meio dos que foram surgindo posteriormente com escalas menores como os Jogos Pan-Americanos, objeto central desta exposição. Chamam a atenção pelo uso político para fins de projeção de imagens positivas com objetivos, contextos e resultados distintos, duas edições do torneio: os Jogos inaugurais de Buenos Aires (1951) e a XV edição ocorrida no Rio de Janeiro (2007). Desta forma, a presente monografia busca entender como se deu o uso do *soft power* nestas duas edições dos Jogos Pan-Americanos e quais foram os desdobramentos políticos em termos de melhoramento e/ou promoção de imagens positivas para as respectivas nações anfitriãs.

Palavras-chave: Jogos Pan-Americanos; poder brando; megaeventos esportivos; esporte.

ABSTRACT

Configured as a vehicle for promoting diplomatic agendas and projecting images and/or ideologies of various kinds, sport has stood out since the 20th century as a cultural instrument of so-called soft power. Nowadays, the attraction of soft power through sport has been materialized through mega sporting events, either through those historically used and of a larger scale, such as the Summer Olympics and the Men's Football World Cup, or through those that have emerged subsequently on a smaller scale, such as the Pan American Games, the central object of this exhibition. Two editions of the tournament stand out for their political use to project positive images with different objectives, contexts and results: the inaugural Games in Buenos Aires (1951) and the 15th edition in Rio de Janeiro (2007). This monograph seeks to understand how soft power was used in these two editions of the Pan American Games and what the political consequences were in terms of improving and/or promoting positive images for the respective host nations.

Keywords: Pan American Games; soft power; sports mega events; sports.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM - Associação Cristã de Moços.

CADCOA - Confederação Argentina do Esporte + Comitê Olímpico Argentino.

CBD - Confederação Brasileira de Desportos.

CBF - Confederação Brasileira de Futebol.

COA - Comitê Olímpico Argentino.

COB - Comitê Olímpico Brasileiro.

COI - Comitê Olímpico Internacional.

CON - Comitês Olímpicos Nacionais.

CO-Rio - Comitê Organizador do Rio.

EUA - Estados Unidos da América.

FIFA - Federação Internacional de Futebol Associado.

FGV - Fundação Getúlio Vargas

ODEPA - Organização Desportiva Pan-Americana

ODESUR - Organização Desportiva Sul-Americana.

USP - Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	9
1. OS ESPORTES, O SOFT POWER E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS.....	12
Sobre o conceito de soft power.....	14
Sobre os megaeventos esportivos.....	21
2. DAS TENTATIVAS À CONSOLIDAÇÃO DOS JOGOS PAN-AMERICANOS.....	28
2.1: O PERONISMO, A NOVA ARGENTINA E OS JOGOS PAN-AMERICANOS DE 1951 35	
2.2: OS DILEMAS DA POLÍTICA INTERNA E O PAN-2007.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66

INTRODUÇÃO:

Sendo moldado, utilizado e inserido em diversos contextos políticos, sociais e econômicos ao longo da história, o esporte configura-se historicamente como uma importante ferramenta cultural, social e diplomática. Caracterizado majoritariamente por ser um veículo potente de expressão do nacionalismo, elemento de afirmação e criação de identidades, instrumento altamente lucrativo capaz de moldar e mudar comportamentos, controlar as massas e divulgar ideologias das mais variadas ordens, o esporte vem ganhando cada vez mais relevância também quanto uma ferramenta de inserção na política externa dos Estados, destacando-se como um promotor e projetor de imagens positivas das nações, logo um instrumento essencial daquilo que denominou-se como *soft power* ou “poder brando”, principalmente a partir do século XX.

Conceito criado pelo cientista político norte-americano Joseph Nye no fim da década de 1980 e início da década de noventa, o termo *soft power* ganhou relevância política, midiática e acadêmica no início dos anos 2000 - através da publicação da obra “*Soft Power: The Means To Success In World Politics*” (2004). De modo geral, o poder brando apresenta-se como um recurso não material de atração, cujo atributo fundamental, de acordo com Nye (2004), é a capacidade de cooptar o apoio de indivíduos ou Estados nacionais à determinada posição política e valores sem o uso de coerção, ameaças, indução e/ou pagamentos, característicos do *hard power*. Segundo o autor do conceito, a atratividade do *soft power* será exercida através de três recursos essenciais: os valores políticos, as políticas externas e a cultura, fonte mais popular da forma cooptativa de poder e onde o esporte encontra-se inserido.

Por ser uma ferramenta antiga, versátil e capaz de atravessar fronteiras, o esporte - bem como as demais fontes culturais de *soft power* - tem sido utilizado como um recurso eficiente de projeção de imagens positivas há décadas, escancarando que a aplicação dessa forma de poder é mais antiga do que sua própria conceituação. No entanto, na contemporaneidade o *soft power* por meio do esporte não tem sido aplicado através das modalidades esportivas de forma isolada, ele vem se materializando através de outro mecanismo ainda mais abrangente e midiático que são os megaeventos esportivos.

Marcados por uma certa periodicidade, pela curta duração, por sua larga escala de abrangência, pelo forte caráter popular, por uma ampla cobertura midiática, elevada transformação espacial e claro, pela significativa importância internacional, os megaeventos esportivos têm, ao longo do tempo, ganhado cada vez mais notoriedade como um atrativo de pessoas e de investimentos para as cidades que os abrigam. Por óbvio, quando se pensa ou quando se fala em megaeventos esportivos dentro dessas características logo vem à mente os dois principais expoentes: os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo de Futebol Masculino, torneios que chamam a atenção de bilhões de pessoas ao redor do mundo e que historicamente vem comunicando e compartilhando valores culturais entre as nações, mas que também apresentam-se como meios cobiçados de projeção, promoção e até mesmo melhoramento a imagem dos países no exterior.

Entretanto, mesmo sendo os mais populares mundialmente e os mais almejados pelos governos que visam obter ganhos políticos desses megaeventos, na atualidade eles não são os únicos politicamente influentes no cenário internacional. Tais torneios, denominados por Black (2008) como megaeventos de primeira ordem, têm dividido as atenções com megaeventos esportivos de escala, alcance de público e cobertura midiática menores, mas que também possuem a capacidade de gerar grandes impactos. Sobressaem entre tais megaeventos torneios que englobam modalidades individuais como: a Eurocopa, Copa do Mundo de Rugby e Copa América e os torneios multiesportivos continentais como: os Jogos Asiáticos, Jogos da Commonwealth e os Jogos Pan-Americanos, objeto essencial do presente trabalho.

Criados com o objetivo de difundir o movimento olímpico para além do norte global e para promover a união entre os povos do continente, os Jogos Pan-Americanos possuem uma longa trajetória de disputas políticas, de interações entre os países das Américas e de projeção de imagens das mais variadas ideologias, governos e nações para o exterior. Considerado o principal megaevento esportivo continental do mundo na atualidade e um campeonato essencial no calendário esportivo mundial, os Jogos continentais que ocorrem a cada quatro anos vem reunindo, no decorrer de suas dezenove edições, atletas, dirigentes esportivos e governantes de todo continente.

Certamente, cada edição dos Jogos Pan-Americanos possui sua particularidade. Todavia, algumas delas chamam a atenção justamente por seu uso

político enquanto projetor de aspectos que podem variar entre mostrar individualidades culturais do país anfitrião, divulgar pensamentos ou ideologias, quebrar estereótipos decorrentes do passado, mostrar a capacidade para ser palco de futuros megaeventos e até mesmo melhorar a relação a nível interno. Dentro dessa multiplicidade de uso diplomático do megaevento esportivo hemisférico, destacam-se duas edições realizadas em contextos políticos, econômicos e sociais totalmente distintos: o campeonato inaugural de 1951, ocorrido em Buenos Aires, e sua XV edição realizada no Rio de Janeiro no ano de 2007, escolhidos como objetos de análise desta monografia.

Tomando como base a perspectiva teórico-conceitual do *soft power*, o presente trabalho busca responder o seguinte questionamento: como se deu o uso do *soft power* nas edições dos Jogos Pan-Americanos de 1951 e de 2007 e quais foram os desdobramentos em termos de melhoramento e/ou promoção de imagem para suas respectivas nações anfitriãs?

Para responder tal problema de pesquisa, realizou-se um extenso levantamento bibliográfico a respeito do conceito de *soft power*, sobre o universo dos megaeventos esportivos e sobre o histórico dos Jogos Pan-Americanos desde seus precursores até as duas edições escolhidas para a análise.

Em posse dos conhecimentos teóricos, conceituais e históricos, o trabalho foi desenvolvido e dividido em dois capítulos: o primeiro bloco da exposição foi voltado para a discussão histórica e conceitual sobre o esporte de maneira geral, sobre o conceito de *soft power* e por fim sobre os megaeventos esportivos. Já o segundo capítulo foi elaborado com ênfase nos Jogos Pan-Americanos, sendo sua primeira parte destinada ao histórico do torneio e logo em seguida duas sub divisões dentro do mesmo, voltados para os Jogos de 1951 e para os de 2007.

1. OS ESPORTES, O SOFT POWER E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Constituindo-se como importante elemento social e cultural, o esporte, vem ao longo do tempo, desempenhando diversas funções em distintos contextos, tornando-se um dos principais instrumentos da sociedade. Mesmo sendo difícil demarcar historicamente o momento a partir do qual os esportes começaram a adquirir o relevo que hoje conhecemos (MASCARENHAS, 2011, p. 63), através de uma revisão bibliográfica é possível tomar como principal base do aumento de sua relevância, organização e difusão o século XIX, período em que eles adquirem sua forma moderna.

Fenômeno social altamente complexo e abrangente, com muitas dimensões e expressões interconectadas (ABERNA, 1986, p. 89, tradução nossa¹), o esporte moderno se desenvolve no contexto de alargamento do processo de industrialização principalmente nas regiões da Europa - sobretudo entre os britânicos - e dos Estados Unidos, a partir da forte atuação de diversos agentes privados (bacharéis, empresários, técnicos, marinheiros, missionários etc) (MASCARENHAS, 2011, p. 76,) os quais iniciam sua difusão para outras porções do globo.

Por serem oriundos de nações consideradas como exemplos de modernidade a serem seguidos, a expansão geográfica dos esportes caracteriza-se por sua difusão hierárquica, ou seja, dos setores ditos mais industrializados para os menos industrializados e socialmente dos estratos superiores para os inferiores (BALE; LOY, 1966 *apud*. ABERNA, 1986, p. 88, tradução nossa²). Desta maneira, através de um espalhamento não linear, os esportes modernos adentram outras regiões através das elites trazendo consigo características associadas a seus locais de origem, apagando e/ou substituindo total ou parcialmente longevas práticas nativas presentes no interior do fragmento receptor como é o caso da América-Latina, por exemplo.

Embora o esporte tenha adentrado outras frações do planeta de forma progressiva e por meio de iniciativas pontuais tornando-se um elemento sólido, Castro, Mendonça e Grohmann (2020) demonstram que sua internacionalização se acentua após a Primeira Guerra Mundial no início do século XX, período no qual, ele

¹ No original: "[...] highly complex and pervasive social phenomenon with many interconnected dimensions and expressions".

² No original: "[...] from more to less industrialized sectors and socially from upper to lower strata".

deixa de ser apenas um veículo voltado sobretudo ao lazer das parcelas privilegiadas da sociedade e adquire novas funções e valores, desta vez também englobando as massas com o auxílio do avanço da comunicação.

Além de suas características primárias como: ser um meio de promover a saúde coletiva e consequentemente combater o sedentarismo; desenvolver espaços de sociabilidade nas comunidades; ser visto como um passaporte para o progresso logo, um veículo ao mundo considerado civilizado; constituir-se como uma fonte de criatividade cultural e um formador físico do homem o esporte, também passa a estar interligado a formação moral e disciplinar do indivíduo; se torna elemento constituinte da economia por expandir o comércio e o turismo local; ajuda a promover o patriotismo e o nacionalismo mecanismos sobre os quais, demonstra-se orgulho e reforça e/ou cria novas identidades; e passa a auxiliar na promoção de agendas políticas.

Por todos os aspectos que o esporte carrega consigo, observa-se através das características e funções elencadas que, aos poucos, além da relevância social e cultural, ele vai adquirindo contornos políticos cada vez mais evidentes sendo incorporado por governos das mais variadas ordens e ideologias, embora isso tenha tentado ser evitado pelas principais organizações esportivas. Diante dessa crescente, os diversos agentes governamentais percebem a elevada capacidade que o esporte tem de construir e divulgar imagens positivas das nações para o exterior, assim, ele passa a ser visto como um instrumento de poder e inserção internacional dos Estados (WINTER, BALAN, BASSO, 2021, p. 59) na almejada política externa.

É dessa maneira que o esporte passa a ganhar maior ênfase enquanto veículo diplomático nas relações internacionais, tornando-se por seu apelo universal e capacidade de atravessar fronteiras (GRIX; LEE, p. 534, 2013, tradução nossa³) um elemento produtor e projetor de imagens positivas que atraem olhares tanto a nível doméstico - pelos sentimentos produzidos entre os cidadãos de determinadas nações - quanto a nível externo - por possibilitar interações entre distintos agentes -, ganhando cada vez mais destaque enquanto um instrumento cultural do chamado *soft power* ou “poder brando”.

³ No original: “[...] because of its universal appeal and ability to cross borders”.

Sobre o conceito de soft power

Oriundo do fim dos anos oitenta e início da década de noventa em sua obra de origem “*Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*” (1990), o conceito de *soft power* do cientista político norte americano Joseph Samuel Nye Jr, tem ao longo do tempo ganhado força na política, na mídia e principalmente no meio acadêmico - apesar de algumas interpretações equivocadas e seu emprego indevido - por sua amplitude e relevância para as relações internacionais. Aparecendo como uma terceira dimensão do poderio dos Estados Unidos conforme pontua Novelli (2023), o termo se popularizou de acordo com o pesquisador, por volta da segunda metade dos anos 2000, a partir da publicação da obra “*Soft Power: The Means To Success In World Politics*” em 2004. Vale colocar em relevo que, embora Nye tenha mencionado esse conceito no livro “*The Paradox of American Power*” dois anos antes, foi na exposição de 2004 que o cientista propõe uma discussão teórica mais aprofundada voltada especificamente ao conceito em questão.

Visto e interpretado das mais variadas formas e em múltiplos contextos, o *soft power* assim como os numerosos conceitos conhecidos socialmente também passou por mudanças desde que foi cunhado, dessa maneira:

[...]é necessário considerar que Nye ofereceu definições distintas para o termo ao longo dos anos, as quais, embora tenham mantido seus elementos centrais constantes ao longo do tempo, foram sendo expandidas e tendo a descrição de seus elementos acessórios alteradas, sendo essas múltiplas definições, em maior ou menor medida, referenciadas até a atualidade (NOVELLI, 2023, p. 24).

Além das constantes readaptações realizadas por parte de seu autor, o termo também passou e vem passando por inúmeras análises críticas e tentativas de redefinições oriundas de outros pesquisadores que não concordam de forma absoluta ou julgam incompletas, inconsistentes e até mesmo contraditórias as ideias colocadas por Nye, gerando uma série de discussões em torno delas. No entanto, mesmo com as sucessivas revisões e tentativas de redefinir o conceito e de algumas problemáticas presentes em torno dele, para os objetivos do presente trabalho julga-se o mais pertinente, em virtude do aprofundamento teórico realizado

na obra e pelo que foi desencadeado posteriormente, a adoção da definição de *soft power* cunhada em 2004 por Joseph Nye.

O *soft power*, caracteriza-se por ser um recurso não material, o qual, define-se de acordo com Nye (2004) como: a capacidade de obter o que se deseja por meio da atração, em vez de coerção ou pagamentos (p. X). Ou seja, o poder brando, constitui-se como um meio de cooptação intangível no qual, objetiva-se fazer com que os outros indivíduos queiram os mesmos resultados que você deseja (p. 5), moldando suas preferências e persuadindo-os a concordar com os seus propósitos sem que ocorra qualquer ameaça ou troca explícita (p. 7) em seu exercício.

Vale salientar, que o *soft power*, de acordo com Nye (op. cit), é muito mais do que uma influência e vai muito além da persuasão ou obtenção do que se deseja através de alguns argumentos; ele seria essencialmente o meio capaz de gerar atração que geralmente leva a aquiescência. Simplificando, em termos comportamentais, o *soft power* é o poder de atração. Em termos de recursos, os recursos de *soft power* são ativos que produzem essa atração (p. 6), utilizada, por sua vez, como estratégia de inserção e influência no cenário internacional (WINTER; BALAN; BASSO, 2021, p. 59).

Tal atratividade pode ser decorrente de três recursos essenciais pontuados por Nye (2004), sendo eles: sua cultura, seus valores políticos e suas políticas externas. A cultura, como ilustra Almeida e Gutierrez (2018), irá englobar os aspectos da sociedade e seus valores, na medida em que eles são atrativos para os outros, podendo se expandir por intermédio do comércio, intercâmbio cultural e turismo. Os valores políticos por seu turno, podem ser definidos na forma como as instituições e os valores de um país são compreendidos no exterior (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2018, p. 230). Já as políticas internacionais, vão ser as condições que farão com que as ideias explicitadas se tornem legítimas e demonstrem autoridade no cenário internacional.

É através desse conjunto de elementos não materiais, que se tornaram mais importantes nas relações entre as nações, que os Estados irão comunicar valores universalmente compartilhados (GRIX; LEE, 2013, p. 526, tradução nossa⁴) com outros Estados. Esses instrumentos, que são motores do *soft power*, se encontram

⁴ No original: “[...] communicate universally shared values.”

por sua vez em contraposição aos elementos materiais historicamente utilizados do chamado *hard power* ou “poder bruto”.

Forma de intervenção direta e claramente perceptível, o *hard power* mostra-se diferente da conformação cooptativa apresentada acima, como uma feição de poder que se utiliza da coerção, indução, ameaças e pagamentos para modificar forçadamente as ações dos outros e assim obter os resultados desejados às suas aspirações. Essa forma de poder, diferente da sedução intrínseca ao *soft power*, se materializa através da demonstração de força bélica e econômica, duas vertentes que se diferenciam e se complementam (MARTINELLI, 2016, p. 68) dentro de um Estado. A primeira dimensão, de acordo com Martinelli (2016), engloba tudo o que está presente no campo militar, mas o autor também ressalta que:

O *Hard Power* em sua vertente militar vai além do simples fato do conflito armado em si. As guerras e intervenções se enquadram nesta parte do conceito, mas não atuam de forma exclusiva. A coerção, indução e dissuasão podem ser vistas como *Hard Power* militar. (MARTINELLI, 2016, p. 68).

Desta maneira, o *hard power* no campo militar, não será algo totalmente voltado apenas à repressão física - embora ela seja historicamente bastante utilizada - mas muitas vezes ele também será aplicado como uma forma de defesa, para que se evitem ataques, para que se formem alianças ou outros tipos de diplomacias belicamente estratégicas (NYE, 2004 *apud* MARTINELLI, 2016, p. 69). Essa vertente em si, caracteriza-se por ter o Estado como único expoente envolvido em sua aplicação.

Já a conformação econômica do poder duro, como sua própria denominação induz, está diretamente ligada a questões que envolvem a economia dos países e exige um nível de articulação que vai além do volume econômico em si (MARTINELLI, 2013, p. 69). Sua ação, é realizada através de mecanismos como: sanções, incentivos, investimentos, embargos entre outros instrumentos que prejudicam ou beneficiam - depende do ponto de vista - as interações entre os Estados nesse âmbito.

Em suma, esse poder de comando - *hard power* - o qual, seu detentor utiliza-se de forças materiais para exercer influência e/ou coagir é, entre os dois aqui expostos, o mais difícil de lidar e de resistir por parte de quem recebe, como bem ilustra Rothman (2011):

[...] esta é a forma mais difícil de poder porque o ator que exerce o poder reduz a zero o retorno de todas as escolhas do alvo, exceto duas. Em outras palavras, as escolhas disponíveis para o alvo se reduzem a duas, pois qualquer escolha que não seja a desejada pelo ator com o poder resultará em morte. O atributo básico associado ao *hard power* é a coerção física. (p. 51, tradução nossa⁵)

Mesmo diante dessa materialidade considerada historicamente por muitos como a única forma de exercer o poder e, mesmo que as questões econômicas sejam fortes principalmente no sistema capitalista, ao longo do tempo e segundo a abordagem de Nye as relações internacionais passam por uma mudança que leva à diminuição da influência dos elementos de *hard* e um aumento dos elementos de *soft* (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2018, p. 233). Isso não significa dizer que o *soft power* tenha tomado totalmente o lugar do *hard power*, até porque tem-se observado em tempos recentes alguns conflitos que envolvem os mecanismos do poder duro - como é o caso dos ataques de Israel à Palestina; da invasão Russa à Ucrânia e das sanções econômicas e taxas impostas pelo governo Donald Trump à diversos países - mas, nos leva a observar que essa forma de obtenção dos resultados desejados tem-se diversificado mais do que no passado ao redor do mundo.

Conforme Nye (2004), o passo inicial para essa mudança, começou a ser percebido com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Naquele momento histórico, do final da primeira metade do século XX, ainda que marcado por intensos embates bélicos, abriu caminhos para líderes autoritários comunicarem suas ideologias e exercerem a atração por meio de intensas propagandas. Aqui, bem como nos conflitos que viriam a acontecer no futuro, ainda há uma intensa mistura entre as formas tangíveis e intangíveis de poder, mesmo com a crescente percepção da importância dos elementos atrativos não materiais.

No entanto, por mais que governos autoritários em contextos de guerras e ditaduras tenham-se utilizado de meios advindos do poder brando, no decorrer do tempo, pela mistura e certa prevalência das formas coercitivas de intervenção, as condições de aplicação do *soft power* foram se modificando. Foi quando os Estados-nação passaram a se preocupar muito mais com as formas de bem-estar do que com a glória militar (GRIX; BRANNANGAN; HOUILLIHAN, 2015, p. 465,

⁵ No original: “[...] this is the hardest form of power because the actor wielding the power reduces the payoff of all but two choices of the target to zero. In other words, the choices available to the target reduce to two because any choice other than the one desired by the actor with the power will result in death. The basic attribute associated with hard power is physical coercion”

tradução nossa⁶) no pós Guerra Fria; quando o público se tornou mais cauteloso e sensibilizado com relação à propaganda (NYE, 2004, p. 106, tradução nossa⁷) e principalmente quando governos autoritários são substituídos por novas democracias (p. 105, tradução nossa⁸) que o *soft power* passa a ser efetivamente mais utilizado em detrimento do uso da força física. Isto posto, ele configura-se essencialmente como um elemento básico da política democrática cotidiana (p. 6, tradução nossa⁹), que traz consigo uma série de novos valores culturais, políticos e sociais universalmente compartilhados.

Todo esse movimento de atração, valores compartilhados, cooptação etc se mostra um tanto quanto complexo pois seu efeito está intimamente condicionado ao contexto de aplicação. Em outras palavras, mesmo estando em um mundo globalizado dotado de ligações e similaridades culturais, pensamentos e valores conjuntos que tornaram - pelo menos em teoria - mais efetiva a aplicação do poder brando por parte do “remetente”, o processo encontra-se sujeito a reações e efeitos adversos no “destinatário” justamente em virtude das diferenças e filtros culturais. Neste caso é importante ter em mente que:

[...] a questão é quais mensagens são enviadas e recebidas por quem e em quais circunstâncias, e como isso afeta nossa capacidade de obter os resultados que desejamos. As mensagens e imagens são transmitidas em parte, por políticas governamentais no país e no exterior e, em parte, pela cultura popular e superior. Mas as mesmas mensagens são “carregadas” e interpretadas com efeitos diferentes por receptores diferentes em ambientes diferentes. O *soft power* não é uma constante, mas algo que varia de acordo com o tempo e o lugar. (NYE, 2004, p. 44 tradução nossa)¹⁰.

Em um grau maior que o *hard power*, o *soft power* depende das mentes dos públicos-alvo. Um determinado recurso cultural, como um filme de Hollywood, pode causar atração no Brasil ao mesmo tempo que causa repulsa na África Saudita

⁶ No original: “[...] nation-states have become far more concerned with forms of welfare over military glory”.

⁷ No original: “[...] publics have become more wary and sensitized about propaganda”.

⁸ No original: “[...]authoritarian governments were replaced by new democracies”.

⁹ No original: “[...] a basic element of everyday democratic politics”.

¹⁰No original: “[...] the question is what messages are sent and received by whom under which circumstances, and how that affects our ability to obtain the outcomes we want. Messages and images are conveyed partly by government policies at home and abroad, and partly by popular and higher culture. But the same messages are "down loaded" and interpreted with different effects by different receivers in different settings. Soft power is not a constant, but something that varies by time and place.

(NYE, 2021, p. 201 tradução nossa¹¹) por exemplo. Esse fato, nos leva a deduzir que a efetividade do recurso está muito mais atrelada à recepção do público do que a ação do agente que o produziu, se a ação for bem recebida, acentua-se a probabilidade de ele se tornar mais atraente, logo, atingir o objetivo central previamente definido.

A complexidade de tornar efetiva a vertente branda do poder, também reside no fato de na atualidade, os indivíduos estarem imersos em uma grande densidade e rapidez de informações. A era da informação, ao mesmo tempo que torna mais fáceis e mais fluidas a difusão das coisas, traz uma dificuldade para a utilização dos recursos de *soft power*, que são mais lentos e complicados de manejar, como indica Nye (2004), gerando uma necessidade de múltiplos meios de comunicação de valores para minimizar os impactos. Diante desse contexto, torna-se notório que os líderes governamentais deixaram de ser os únicos agentes atuantes no cenário internacional em busca dos objetivos para suas nações. Agora, é necessário adaptar-se às tendências características do mundo globalizado que converteu a ação dos agentes estatais em uma necessidade de atuação conjunta com múltiplos agentes para tornarem os países mais atraentes.

Os países que provavelmente serão mais atraentes e ganharão *soft power* na era da informação são aqueles que têm vários canais de comunicação que ajudam a enquadrar as questões; cuja cultura e ideias dominantes são mais próximas das normas globais vigentes (que enfatizam o liberalismo, o pluralismo e autonomia); cuja credibilidade é reforçada por seus valores e políticas nacionais e internacionais. (NYE, 2004, p. 31-32, tradução nossa¹²).

Juntam-se aos atores estatais - por vezes colocados em segundo plano - atores não estatais independentes ou organizados como: empresas multinacionais dos mais variados ramos; as diversas configurações de mídia (TV, rádio, redes sociais, jornais etc); organizações não governamentais e intergovernamentais; instituições religiosas e comunidade acadêmica a fim de contribuírem não apenas com a possibilidade de uma ação conjunta com os Estados, mas também em alguns

¹¹ No original: "To a greater degree than with hard power, soft power depends on the minds of the target audiences. A given cultural resource such as a Hollywood film may produce attraction in Brazil at the same time it produces repulsion in Saudi Arabia"

¹² No original: "The countries that are likely to be most attractive and gain soft power in the information age are those with multiple communication channels that help frame issues; whose dominant culture and ideas are closest to prevailing global norms (which now emphasize liberalism, pluralism, and autonomy); and whose credibility is reinforced by their national and international values and policies".

casos buscando abrir os caminhos em uma competição por benefícios oriundos do mercado externo. Os agentes não estatais se sobressaem dentro do complexo exercício do *soft power* como expoentes de ideologias, divulgadores de conhecimento e de estilo de vida (MARTINELLI, 2016, p. 66).

Os meios de exercício do poder de atração se ampliam e o papel significativo dos atores não estatais na produção e utilização desses recursos começa a sugerir uma perspectiva liberal, como ressalta Grix e Houlihan (2013). É dentro desse quadro altamente valorizado na era da informação, que os agentes privados das principais nações do mundo passam a ganhar notoriedade no constante movimento em busca do almejado prestígio, credibilidade e projeção de imagens positivas de seus lugares de origem para o cenário internacional.

Ainda que Nye (2004) tenha afirmado que o *soft power* está disponível para todos os países (p. 89, tradução nossa¹³) - e está -, ele traça um panorama geral das principais nações que figuram como destaque na produção do poder cooptativo por intermédio dos agentes públicos e privados. Obviamente, os Estados Unidos, objeto central na análise do autor, apareceu, há 20 anos atrás, como o principal expoente na produção de todos os tipos de recursos de poder brando, o que, nesse momento histórico, sob o segundo mandato do governo Donald Trump, está a demandar novas análises. Em seguida, despontando como o concorrente mais próximo dos Estados Unidos (p. 75, tradução nossa¹⁴) aparece a Europa, a qual, embora para o autor tenha uma força militar considerada pequena, possui um *soft power* muito grande. Por fim, alguns países asiáticos como o Japão, China e a Índia, também têm expandido seus instrumentos atrativos em tempos mais recentes.

Tal exercício, proveniente dessas e outras nações presentes ao redor do mundo tornaram-se realidade através de fontes bem diversificadas, sobretudo na vertente cultural. Seja através da música com sua heterogeneidade de ritmos ou na literatura dotada de múltiplos gêneros; por meio da arte representada nos filmes, espetáculos de dança ou no teatro; no idioma, ciência ou tecnologia; por intermédio dos programas de televisão, da culinária que atravessa fronteiras há séculos ou do esporte, o *soft power* pode estar presente, como Joseph Nye (2004) nos mostra ao longo de sua obra. Sua inserção nos múltiplos meios pode combater estereótipos

¹³ No original: "Soft power is available to all countries".

¹⁴ No original: "[...] the closest competitor to the United States".

culturais e imagens negativas, cooptar parcerias políticas e econômicas ou até seduzir turistas por meio da atração que esses e outros meios mostraram ter.

Dentre todas as fontes elencadas anteriormente, o esporte vem ao longo do tempo oferecendo oportunidades para intervenções diplomáticas em momentos em que outras formas de relações e mediações não funcionam (WINTER, BALAN, BASSO, 2021, p. 61). Assim, devido à sua capacidade e facilidade de atravessar fronteiras tornou-se um recurso atrativo na construção e projeção de imagens positivas dos Estados essencialmente a partir do século XX. Ele passou a ser visto desde então, como um meio eficiente de produção de *soft power* principalmente porque une povos e nações em torno de um objetivo comum, além de ser uma forma de expressão universal porque ultrapassa barreiras linguísticas e geográficas e une pessoas por uma paixão compartilhada (MILLER et al., 2011 *apud* WINTER, BALAN, BASSO, 2021, p. 62).

Todavia, o esporte tem sido explorado pela política externa não apenas através das modalidades esportivas de forma isolada, ainda que o futebol exerça significativa influência no cenário mundial. O poder brando no campo esportivo, tem se materializado na contemporaneidade sobretudo por meio de um mecanismo ainda mais midiático e abrangente, os chamados megaeventos esportivos, sobre o qual trataremos a seguir.

Sobre os megaeventos esportivos

Potencial fonte de prestígio internacional e vetor particular da globalização, os megaeventos esportivos se projetam na atualidade por um conjunto de competições periódicas, geralmente quadriennais (MASCARENHAS, 2014, p. 54) de curta duração. Operando na escala de milhões de participantes, com caráter dramático, apelo popular de massa e uma grandiosidade de público (HALL, 2006 *apud* WINTER, BALAN, BASSO, 2021, p. 59), os megaeventos esportivos de maneira geral, se caracterizam de acordo com Molina (2013, p. 17) por uma larga expressividade internacional, ampla cobertura midiática, elevado investimento e sobretudo por sua intensa intervenção urbana que geram impactos sobre o

ambiente construído e a população (MULLER, 2015, p. 629, tradução nossa¹⁵) da cidade anfitriã.

Figuram como os principais expoentes dos megaeventos esportivos os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo de Futebol Masculino, celebrações historicamente utilizadas como instrumentos comunicadores de valores políticos e culturais que adquiriram a envergadura e importância largamente conhecidas hoje, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Por seu alcance planetário e elevado impacto social, político, econômico e espacial, os denominados eventos de primeira ordem como são chamados os dois campeonatos, se tornaram ao longo do tempo, um prêmio internacional cobiçado (BLACK, 2008, p. 467, tradução nossa¹⁶) sendo considerado por alguns estudiosos da área como os únicos expoentes qualificados como “mega” de fato.

No entanto, essas badaladas figuras do mundo esportivo têm dividido o espaço e as atenções com eventos internacionais menores, de alcance continental que também são capazes de gerar grandes impactos, apesar de seu alcance de público e cobertura midiática serem menores. Estão associados a essa parcela dos megaeventos esportivos de ordens inferiores as competições multiesportivas colocados por Roche (2000) como regionais mundiais que são os: Jogos Asiáticos, Jogos da Commonwealth, os Jogos Africanos e os Jogos Pan-Americanos, objeto central do presente trabalho. Juntam-se a eles, os torneios que englobam modalidades individuais como: a Copa do Mundo de Rugby, Copa América, Copa das Nações Africanas, Eurocopa e outros eventos que também vem apresentando há décadas crescimento constante e elevada capacidade de impactar as cidades que os abrigam (MASCARENHAS, 2017, p. 2) tornando-se cada vez mais atrativos.

Dentre as múltiplas razões da crescente atratividade dos megaeventos esportivos de segunda e terceira ordem, estão os menores custos para sua materialização, bem como as menores exigências e consequências econômicas, que na maioria das vezes os megaeventos de primeira ordem trazem consigo. Black (2008) também elenca como um dos motivos que chamam a atenção para captação desses eventos, a possibilidade de alguns países sem tradições¹⁷ nessas organizações tornarem-se sede de algum tipo de megaevento esportivo, muitas

¹⁵ No original: “have large impacts on the built environment and the population”.

¹⁶ No original: “how coveted these “mega events” have become as an international prize”

¹⁷ Aqui o autor se refere especificamente aos países emergentes.

vezes sendo o máximo que por ventura conseguiram sediar. Por fim, tais torneios também são vistos pelos governos como uma chance de desenvolver sua capacidade e seu argumento para sediar outros megaeventos (BLACK, 2008, p. 468, tradução nossa¹⁸) maiores no futuro - como foi o caso do Brasil -, principalmente os tão sonhados Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de Futebol, que possuem suas realizações historicamente concentrados em países do norte global.

Para se tornarem realidade e uma plataforma perfeita para mostrar a nação anfitriã, sua cultura e “imagem” (POTTER, 2009, p. 92, apud GRIX, HOUILLIHAN, 2013, p. 578, tradução nossa¹⁹) e consequentemente apresentar-se como uma vitrine para o desenvolvimento do *soft power* (BETTINE, GUTIERREZ, GRAEFF, 2018, p. 1354), os megaeventos esportivos contam com intensa articulação entre atores públicos e privados, domésticos e internacionais (CASTRO, MENDONÇA, GROHMANN, 2020, p. 13) cada vez mais exigentes. Lideram esse conjunto de atores as duas principais organizações internacionais não governamentais ligadas ao esporte: o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), que contam com apoio de outras organizações não governamentais de escala regional como a Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) e de escala nacional como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), por exemplo.

Junto a esses expoentes do esporte, encontram-se envolvidos na materialização dos megaeventos esportivos as empresas de comunicação que irão capturar a atenção de milhões de pessoas a nível global (GRIX, LEE, 2013, p 5, tradução nossa) auxiliando na visibilidade internacional do evento e da cidade-sede. Neste mesmo grupo de expoentes privados, também é possível verificar a presença de empresas ligadas aos ramos da construção civil, segurança e *marketing*, os quais, irão colaborar - e claro, atender seus próprios interesses - com capital, publicidade e infraestrutura necessária para o megaevento.

Desempenhando um papel central nessa articulação aparece o Estado que, na incessante busca de ganhos intangíveis de projeção de imagem (MIAGUSKO, 2012, p. 401-402) e de comunicação de valores compartilhados, não tem poupad esforços para realizar os megaeventos esportivos. Desta maneira, sob a justificativa dos possíveis legados que vão desde o aumento no número de cidadãos que

¹⁸ No original: "build their capacity and their case for hosting other mega-events in the future".

¹⁹ No original:"[...] a perfect platform to showcase the host nation, its culture and 'image'".

participam do esporte, à regeneração da cidade, emprego, ganhos no turismo (GRIX, BRANNAGAN, HOUILLIHAN, 2015, p. 468, tradução nossa²⁰) e etc, o Estado aparece como o maior provedor dos recursos financeiros necessários para o evento, recursos esses que de acordo com Molina (2013) não seriam aplicados com a mesma facilidade sem a realização do mesmo.

Para além do prestígio, captura de atenção e da essencial projeção de imagens benéficas já citados, os megaeventos esportivos são vistos por esse conglomerado de atores - especialmente pelo Estado - como oportunidades para reposicionar visivelmente os anfitriões como talentosos, cosmopolitas e favoráveis aos negócios (BLACK, 2008, p. 470, tradução nossa²¹). Ademais, segundo Grix e Lee (2013) sediar esses eventos também sinaliza e promete para os governos mais oportunidades para aumentar a influência dos países nos assuntos globais, principalmente para aquelas nações em desenvolvimento.

São, portanto, instrumentos importantíssimos da chamada diplomacia pública, cujo objetivo é estabelecer a comunicação de um determinado país diretamente com o público de outros países com o propósito de divulgar e tornar aceitos seus valores, sua cultura, atrair investimentos, abrir mercados para suas empresas e, sobretudo, tornar aceito seu poder econômico e militar (PAULINO, 2015, p. 30).

Por apresentarem essa gama de oportunidades às cidades e regiões onde ocorrem (HORNE e MANZENREITER, 2006 *apud*, MOLINA, 2013, p. 119), as disputas entre os países para sediar os megaeventos esportivos internacionais passaram a ser cada vez mais acirradas (MIAGUSKO, 2012, p. 400-401), independente do nível do torneio. Em virtude desse fato, os projetos para sediar esses megaeventos foram cada vez mais aprimorados pelos governos (SANTOS, 2017) e a candidatura se coloca na disputa como um programa de *marketing* que busca revelar a atratividade e a imagem positiva das cidades-sede, mascarando ao máximo, as contradições socioespaciais existentes: vende-se, portanto, a imagem de partes da cidade, aquilo que é conveniente mostrar (MOLINA, 2013, p. 123-124) como representação de uma nação inteira. Tal prática se coloca na maioria dos

²⁰ No original: “[...] legacies range from an increase in the number of a state's citizens participating in sports, to city regeneration, employment, tourism gains.”

²¹ No original: “[...] as opportunities to visibly reposition hosts as accommodating, cosmopolitan and business-friendly.

casos como uma ação seletiva do ponto de vista espacial, a qual, neste contexto, vai beneficiar sobretudo as elites.

Mesmo diante dessas contradições e problemáticas que envolvem os espaços de realização dos megaeventos, eles estão sendo cada vez mais usados por países de todas as matizes políticas para projetar uma imagem para o mundo exterior, adquiri-los e sediá-los se tornaram fatores importantes nas estratégias de desenvolvimento (GRIX, BRANNANGAN, HOUILLIHAN, 2015, p. 468, tradução nossa²²) das mais variadas nações. Nesta altura, fica claro que de certa maneira, sem exceção

[...] todos os governos utilizaram o fato de sediar a realização dos grandes eventos esportivos como instrumento de diplomacia pública visando melhorar a reputação e a imagem internacional dos seus respectivos países, aumentar sua influência no mundo e criar oportunidades de negócios para suas empresas (PAULINO, 2015, p. 31).

Entretanto, tal estratégia tem sido positiva ao longo dos anos principalmente a um grupo específico de países que não são vistos com bons olhos no exterior. Ou seja, aqueles Estados que têm uma imagem nacional negativa e estereótipos nacionais que afetam a percepção que os outros têm deles, devido, entre outros, acontecimentos históricos específicos, questões de direitos humanos ou pobreza (GRIX; HOUILLIHAN, 2013, p. 577, tradução nossa²³) estão e estarão a tentar utilizar os megaeventos esportivos para persuadir os governos, as empresas e o público de outros países a alterarem os estereótipos frequentemente negativos que detêm²⁴.

Talvez o exemplo mais emblemático dessa afirmativa seja a Alemanha, mas não pelo uso dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 enquanto mecanismo de controle político da população e de propagação da ideologia nazista de Hitler como algo benéfico. O megaevento esportivo que mostrou uma versão positiva do povo e da cultura alemã, amplamente prejudicada no exterior pelas barbáries do Terceiro Reich, foi a Copa do Mundo de Futebol Masculino realizada em 2006. Para conseguir alcançar com sucesso o objetivo de alterar consideravelmente a visão negativa que o público estrangeiro tinha do país (GRIX, BRANNANGAN,

²² No original: “[...] are increasingly being used by states of all political hues to project an image to the outside world, and acquiring and hosting them have become key factors in local and national development strategies”.

²³ No original: “negative national images and national stereotypes that impact on others' perceptions of them, derived, among others, from specific historical events, human rights issues or poverty”.

²⁴ Ibidem, p. 577.

HOULLIHAN, 2015, p. 470, tradução nossa²⁵), decorrente do período da Segunda Guerra Mundial, a organização do torneio contou com intensos esforços dos agentes públicos e privados e acentuadas campanhas promocionais realizadas antes, durante e depois do evento, as quais, surtiram significativos efeitos para o país e sua imagem.

Mas não somente a quebra desses estereótipos decorrentes do passado da nação motivaram as mobilizações para a materialização bem-sucedida do campeonato. É possível observar que outros objetivos internos também foram os catalisadores dessa ação, como bem pontua Paulino (2015).

O principal objetivo era quebrar os estereótipos ultrapassados de que a Alemanha era um país de gente mal-humorada e convencional mas, ao mesmo tempo, preservar a imagem de um país confiável e produtor de bens de alta qualidade. A Copa do Mundo de 2006 foi um momento significativo na história da Alemanha pós-Segunda Guerra, mudando, inclusive, a percepção dos alemães em relação a si mesmos. (PAULINO, 2015, p. 32)

Nota-se a partir desses dois exemplos opostos ocorridos na Alemanha, que os megaeventos esportivos enquanto estratégia de *soft power* possuem uma espécie de dupla função. Ou seja, além de ser um instrumento voltado ao externo, que melhora a imagem, credibilidade, estatura, competitividade econômica e (eles esperam) capacidade de exercer influência no cenário internacional (GRIX; LEE, 2013, p. 522, tradução nossa²⁶), eles têm se colocado também como um meio de influenciar e melhorar a percepção do público a nível doméstico. Tal mudança vem ocorrendo historicamente por distintas razões, mas especialmente em virtude de uma característica fortemente presente dentro do domínio esportivo que é a de produzir sentimento de orgulho nacional, agora projetado e disseminado de forma ainda mais grandiosa através dos veículos de comunicação.

Megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo de Futebol Masculino, foram os primeiros a se apresentarem como veículos potentes de afirmação, construção e reencontros de identidades nacionais. Contudo, apesar da notoriedade desses dois eventos, eles não são os únicos capazes de gerarem emoções em âmbito interno. Os megaeventos de escalas

²⁵ No original: [...] to go a considerable way in changing the negative view of the foreign public about the country”.

²⁶ No original: “[...] improving a nation’s image, credibility, stature, economic competitiveness and (they hope) ability to exercise agency on the international stage”.

menores, apesar de serem pouco abordados, também carregam consigo a habilidade de despertar o orgulho nacionalista. Talvez o exemplo mais claro disso seja os Jogos Pan-Americanos, hoje considerado o principal megaevento esportivo continental do mundo e que desde de sua gênese na década de 1950 chama a atenção por também ter sido utilizado como um instrumento político pelos variados regimes presentes na América, como projetor de imagens positivas, fonte de lucros e prestígio, gerador de sentimentos nacionalistas e comunicador de valores a nível nacional, continental e hoje a nível global.

2. DAS TENTATIVAS À CONSOLIDAÇÃO DOS JOGOS PAN-AMERICANOS

Contando com dezenove edições realizadas quadrienalmente ao longo de mais de setenta anos de história, os Jogos Pan-Americanos se consolidaram ao longo do tempo como um torneio essencial no calendário esportivo mundial. Proposto inicialmente com objetivo estratégico de difundir o Movimento Olímpico para além do norte global e como instrumento diplomático de promoção do “pan-americanismo”²⁷, esse megaevento esportivo teve sua jornada iniciada a partir dos anos 1920, se materializando de fato no início da década de 1950 em um contexto político de diversos regimes autoritários nas Américas.

Conhecida como “Era de Ouro” das competições esportivas nacionais e internacionais conforme pontua Santos (2015), a década de 1920 é considerada na literatura como marco efetivo da inserção da América Latina²⁸ no Movimento Olímpico e do surgimento dos principais precursores daquele que futuramente viria a se tornar o mais notório megaevento esportivo hemisférico do mundo. O pontapé inicial dessa jornada se deu através de uma competição multiesportiva de caráter regional, intitulada Jogos Latino-Americanos, realizados na cidade do Rio de Janeiro durante a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, em 1922.

Sob apoio oficial do Comitê Olímpico Internacional (COI)²⁹ - ainda receoso que os jogos regionais roubassem o protagonismo dos Jogos Olímpicos - e ação direta da Associação Cristã de Moços (ACM)³⁰, da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) aliados a certo apoio governamental, ainda que irrisório e obtido tardiamente (MASCARENHAS, 2011, p. 75), os Jogos Latino-Americanos foram tomando forma utilizando-se da estrutura física do Fluminense Football Club e de outros equipamentos privados da cidade (*ibidem*). Diante desse contexto

²⁷ Constituindo-se como parte das políticas do ex-presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt, o “pan-americanismo”, de acordo com Torres (2011, p. 2.547, tradução nossa) representa a ideia de que os países do Hemisfério ocidental têm uma relação especial entre si e compartilham um conjunto de interesses comuns.

²⁸ Torres (2006) ilustra como a participação tanto de atletas como de membros latino-americanos no COI foi restrita no período de 1894 a 1922. Os esforços para inserção da América Latina nos assuntos olímpicos ocorreram de forma bem lenta e progressiva.

²⁹ Representado na ocasião pelo vice-presidente Henri de Baillet-Latour que fez uma turnê por diversos países da América Latina.

³⁰ Young Men’s Christian Association (YMCA), organização europeia que de acordo com Torres (2006) já tinha trabalhos em alguns países da América Latina como Argentina, Brasil, Chile, Cuba, México, Peru, Porto Rico e Uruguai.

organizacional, Torres (2006) ilustra que atletas - todos homens - de Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai competiram em modalidades como boxe, basquete, esgrima, atividades equestres, futebol, tênis, atletismo, remo, tiro e natação (SANTOS, 2015, 36-37, tradução nossa³¹), entre os dias 27 de agosto e 15 de outubro de 1922.

Esse evento, que se apresentou como marco nas políticas públicas de promoção internacional da imagem do país por meio do esporte (MASCARENHAS, 2011, p. 74-75), trouxe alguns pontos positivos para o desenvolvimento olímpico na América Latina. Figuram entre os benefícios do torneio a visibilidade e formação de futuros atletas; o fortalecimento da relação entre o COI e os países latinos, vistos muitas vezes como inferiores no âmbito esportivo e a possibilidade concreta de transformar a competição em um evento permanente e realizá-la periodicamente (HÉMEURY, 2024, p. 5, tradução nossa³²) como complementar aos Jogos Olímpicos. A continuidade do torneio não se concretizou, mas despertou o interesse por competições regionais em outras partes do mundo (SANTOS, 2015, p. 39, tradução nossa³³), inclusive na própria América, mas agora o foco volta-se à porção central do continente.

Com inauguração oficial concretizada no ano de 1926 na Cidade do México, os Jogos Centro-Americanos surgem como outro modelo para os Jogos Pan-Americanos (ELSEY, 2016, p. 107, tradução nossa³⁴) do futuro. De acordo com Santos (2015) a ideia desse torneio surgiu inicialmente em 1923, a partir de uma visita do então vice-presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI) Henri de Baillet-Latour ao México, sendo aceita de fato durante os Jogos Olímpicos de 1924 em Paris.

Contando com o apoio do COI e da ACM que foram essenciais para Jogos do Rio de Janeiro em 1922, os Jogos Centro-Americanos foram vistos pelo México, como um meio de promover sua imagem no mundo e uma oportunidade de melhorar as relações com outras nações (SANTOS, 2015, p. 40, tradução nossa³⁵) vizinhas. Assim, visando atingir tais objetivos foram convidados ao evento quatorze países do continente, mas apenas três nações enviaram competidores ao torneio,

³¹ No original: “[...] boxing, basketball, fencing, equestrian activities, soccer, tennis, track and field, rowing, shooting and swimming”.

³² No original: “[...]convertir la competición en un evento permanente y celebrarlo periódicamente”.

³³ No original: “[...]sparked interest in regional competitions in other parts of the world”.

³⁴ No original: “[...]provided another template for the Pan-American Games”.

³⁵ No original: “[...]an opportunity to improve relationships with other nations”.

sendo elas: o próprio México, Guatemala e Cuba, que foram representados por cerca de 269 atletas entre os dias 12 de outubro e 2 de novembro de 1926. Os Jogos contaram com uma heterogeneidade de modalidades como: beisebol, basquete, esgrima, tiro, natação, tênis e eventos de atletismo (SANTOS, 2015, p. 41, tradução nossa³⁶), que deram um caráter multiesportivo ao campeonato regional.

Tais Jogos, são considerados como um marco para o desenvolvimento do esporte e dos ideais olímpicos naquele país (MCGEHEE, 1993 *apud*, SANTOS, 2017, p. 991) e ao contrário do campeonato realizado no Brasil no início da década, os esforços para tornar esse evento uma competição regular foram bem-sucedidos. Sua nomenclatura foi alterada para Jogos Centro-Americanos e do Caribe, e suas edições existem até os dias atuais, com intervalo de quatro anos.

Os dois casos representam claramente o começo da busca de projeção de imagem no cenário internacional por meio de eventos multiesportivos na América Latina, mas a importância dos jogos precursores não reside somente nessa questão política. A partir desses eventos, mudanças relacionadas aos esportes e questões olímpicas foram verificadas na região, de acordo com Santos (2017, p. 992) eles foram responsáveis por desencadear uma série de mobilizações para a criação de federações esportivas nacionais e regionais, filiação de membros da América Latina ao COI, criação de Comitês Olímpicos Nacionais (CON) em países da América Central e do Sul entre outros aspectos essenciais para o esporte na região.

Essas medidas foram dando cada vez mais forma, consistência e seriedade para o Movimento Olímpico latinoamericano, o qual, na década de 1930 se deparou - e de certa forma se beneficiou - com uma série de mudanças que os esportes e os megaeventos esportivos internacionais tiveram. A massificação e popularização do esporte; sua utilização como componente do sentimento nacionalista pelos mais variados regimes e a política de boa vizinhança que permeavam os anos trinta, fizeram parte do contexto de surgimento dos Jogos Pan-Americanos, que se apresentaram como uma ideia concreta por parte de representantes das delegações latino-americanas, durante os Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1932, conforme ilustra Oselame (2016).

³⁶ No original: "[...]baseball, basketball, fencing, shooting, swimming, tennis, and track and field events".

A partir desse momento, verificam-se alguns esforços e diversas discussões para organizar os Jogos Pan-Americanos (ELSEY, 2016, p. 107, tradução nossa³⁷). Um desses esforços que divide opiniões entre os pesquisadores da área, foram as denominadas Olimpíadas Pan-Americanas, realizada em Dallas, no Texas, durante a Exposição Pan-Americana que ocorreu de 12 de junho a 31 de outubro de 1937. O torneio, que tinha por objetivo promover a imagem do Texas e a harmonia entre as nações do continente - para beneficiar, claro a política norte-americana -, contou com a presença de atletas de países como: Estados Unidos (EUA), Brasil, Argentina, Cuba, Canadá entre outros que competiram entre si em modalidades como: futebol, atletismo e boxe.

Apesar de ser visto como um evento importante por ser o primeiro a englobar países das três américas e de Dyreson (2016) pontuar que o campeonato deveria ser entendido como verdadeiro progenitor dos Jogos Pan-Americanos, esse evento teve escopo limitado e representou principalmente a iniciativa de um grupo de texanos cujo objetivo final era comemorar o centésimo aniversário da independência do estado do México em 1836 (TORRES, 2011, p. 2.548 , tradução nossa³⁸). Desta forma, mesmo que o Brasil tenha se disposto a sediar a segunda edição da competição em 1938, as Olimpíadas Pan-Americanas não conseguiram inspirar uma série regular de competições (DYRESON, 2016, p.19, tradução nossa³⁹) posteriormente, e teve o mesmo fim dos Jogos Latino-Americanos do Rio de Janeiro de 1922.

Ao contrário do que se possa imaginar, o fracasso dessa iniciativa pontual da década de 1930, não diminuiu os anseios dos agentes esportivos em tornarem os Jogos Pan-Americanos uma realidade. Essa vontade ainda parcialmente restrita, encontra na eclosão da Segunda Guerra Mundial a possibilidade de mudar de fato os rumos dos tão sonhados jogos continentais, que passaram a serem vistos como um veículo para manterem vivas as tradições do esporte amador e consequentemente como um instrumento ideal para mostrar a capacidade da América de sediar um evento grandioso, a partir do cancelamento dos Jogos Olímpicos programados para 1940.

³⁷ No original: “[...]discussions to organize Pan-American Games”.

³⁸ No original: “[...]this event was limited in scope and mainly represented the initiative of a group of Texans whose ultimate goal was to celebrate the state’s one-hundredth anniversary of independence from Mexico in 1836”.

³⁹ No original: “[...] to inspire a regular series of contests”.

As mobilizações para realizar o evento inaugural foram aparecendo e já no final de 1939, os líderes esportivos da Argentina, de Cuba e dos EUA disputaram para sediar a primeira versão do que eles acreditavam que logo se tornaria os Jogos Pan-Americanos permanentes (TORRES, 2011, p. 2551, tradução nossa⁴⁰). Mesmo com os esforços dos cubanos e dos norte-americanos para obter esse direito, a proposta argentina de sediar o torneio prevaleceu e contou com um diferencial, que foi o convite aos países americanos a um congresso proposto para fevereiro de 1940 em Buenos Aires. O encontro que visava planejar os detalhes dos jogos, ocorreu entre os dias 28 e 31 de agosto daquele ano e teve alguns saldos positivos tanto para o campeonato quanto para os esportes das américas.

O denominado I Congresso Esportivo Pan-Americano, organizado pelo Comitê Olímpico Argentino (COA), à época presidido por Juan Carlos Palacios, contou com a presença de dezesseis representantes, que discutiram diversas questões ligadas ao torneio. Destacam-se entre os pontos debatidos e decisões tomadas pelos agentes esportivos: a criação do Comitê Esportivo Pan-Americano cujas metas eram organizar e controlar os Jogos Pan-Americanos e emitir e aplicar as regras correspondentes (TORRES, 2011, p. 2554, tradução nossa⁴¹) ao torneio. Tal Comitê, composto por uma comissão permanente e um comitê organizador - sob responsabilidade dos argentinos -, teve como presidente eleito na ocasião o ex-atleta norte-americano e na época uma autoridade esportiva importante associada ao COI, Avery Brundage⁴², figura essencial e ativa no processo de consolidação dos jogos hemisféricos.

Aliados a institucionalização dessa organização, houve a discussão do primeiro programa da competição; a elaboração de uma lista de modalidades que estariam presentes na ocasião; orientações para que os Comitês Olímpicos Nacionais de cada país dirigessem os esportes, sem influência política; além da confirmação da capital argentina como sede do torneio e a decisão da data que ele

⁴⁰ No original: "By late 1939, sport leaders in Argentina, Cuba and the US vied to host the first version of what they believed would soon become permanent Pan-American Games".

⁴¹ No original: "[...]Pan-American Sport Committee whose goals were to organise and control the Pan-American Games and to issue and apply the corresponding rules".

⁴² De acordo com Santos (2015), Avery Brundage foi um ex-atleta norte americano que se tornou uma importante autoridade esportiva associada ao COI a partir da década de 1930. Figura proeminente no processo de consolidação dos Jogos Pan-Americanos, Brundage tinha como principal objetivo enquanto agente esportivo, promover os ideais olímpicos e o esporte amador, buscando sempre dissociar o esporte à política, embora acreditasse que os Jogos Pan-Americanos seriam um veículo de aproximação entre as nações das Américas.

ocorreria, a qual, por sugestão de Brundage mudou para 1942, com abertura posteriormente definida para 21 de novembro daquele ano, de acordo com César Torres (2011).

Depois do sucesso do primeiro Congresso, os líderes do comitê organizador dos Jogos Pan-Americanos iniciaram os trabalhos para concretizar o evento. Buscou-se os meios de financiamento para o torneio; definiram-se os locais das competições de todas as modalidades; confeccionou-se o cartaz oficial, os selos comemorativos e a bandeira, e principalmente realizou-se uma intensa campanha de divulgação do evento. Assim, para promover o espírito dos jogos, divulgar o progresso da organização e garantir uma ampla participação, o comitê organizador enviou Francisco A. Borgonovo, um de seus membros, em uma extensa viagem pelas Américas (TORRES, 2011, p. 2.555, tradução nossa⁴³), para passar no geral uma visão positiva do que viria pela frente nos jogos.

Diante de todo esse empenho dos argentinos, tudo parecia que correria bem para os jogos continentais finalmente ganharem vida. No entanto, tudo mudou quando em 7 de dezembro de 1941, um ataque aéreo surpresa à base naval norte-americana em Pearl Harbour foi executado pelo Japão, alterando o destino dos tão sonhados primeiros Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires programados para o início da década de 1940.

Houve inúmeras tentativas por parte das autoridades esportivas de manterem o evento, mesmo que ele fosse realizado no ano seguinte. No entanto, a participação dos EUA, que era vista como essencial para o sucesso dos Jogos Pan-Americanos inaugurais, foi impossibilitada por sua inserção na guerra, que naquele momento passou a ser vista como uma prioridade. Para tristeza dos anfitriões empenhados em materializar os primeiros jogos hemisféricos das amérias, poucos dias após a saída norte-americana do torneio em abril de 1942, Brasil, México, Colômbia e o Uruguai também anunciaram que não participariam do campeonato.

Mas Torres (2011) observa que, para além do episódio em Pearl Harbor, a história do fracasso dos Jogos Pan-Americanos de 1942 encontra-se atrelada principalmente à relação problemática entre os EUA e a Argentina. Tal desentendimento de caráter puramente político entre os dois países, se deu

⁴³ No original: “[...]a Pan-American Sport Committee whose goals were to organise and control the Pan-American Games and to issue and apply the corresponding rules”.

conforme o autor, em virtude da neutralidade que a Argentina resolveu adotar naquele momento da guerra, não cedendo às exigências norte-americanas de romper relações com os países do Eixo. César Torres também nos traz outro fato que, embora o governo de Ramón Castillo tenha defendido essa neutralidade em parte para dissipar a oposição política interna (p. 2.562), o governo dos EUA viu tal atitude como incorreta e acabou contribuindo para disseminação da informação de que a Argentina tinha uma tendência pró-nazista⁴⁴.

Essa posição política, gerou consequências econômicas, militares e de imagem aos argentinos, mas não apenas isso, a neutralidade certamente influenciou na negativa estadunidense em contribuir para os Jogos Pan-Americanos, que curiosamente tinha pouca influência política do governo do país sede, pois os preparativos do evento estava a cargo do Comitê Olímpico Argentino (COA), ou seja, uma organização privada cujos líderes mantinham relações positivas com os agentes esportivos de outras nações, principalmente dos Estados Unidos como é o caso de Palacios e Brundage, que foram ativos no processo de organização dos Jogos.

O fracasso dos Jogos Pan-Americanos de 1942 demonstra claramente que, apesar da desconfiança mútua, do desentendimento e da inimizade, a Argentina e os EUA cooperaram de forma proveitosa em algumas áreas. Esse foi certamente o caso dos líderes esportivos de ambos os países. A concepção comum de que o esporte internacional era uma forma de promover a boa vontade, a amizade e a compreensão mútua entre diferentes povos facilitou a cooperação entre eles (TORRES, 2011, p. 2.563-2.564, tradução nossa⁴⁵).

Nota-se que, embora no campo esportivo seus líderes apresentassem os mesmos objetivos para o continente, mantivessem uma relação harmônica e colaborativa para o andamento do torneio o qual, em teoria deveria estar desvinculado da política como sempre reforçou Avery Brundage, foram decisões e atuações estritamente políticas que prejudicaram seu andamento e harmonia naquela ocasião, provocando outro período sem a efetiva inauguração dos jogos continentais.

⁴⁴ Grande parte da literatura, evidencia que os militares argentinos tinham uma certa admiração pelas políticas de Hitler. Mas Torres (2011) pontua que a maior parte da sociedade argentina apoiava os Aliados.

⁴⁵ No original: "The failed 1942 Pan-American Games clearly demonstrates that despite mutual political distrust, misunderstanding, and enmity, Argentina and the US could fruitfully cooperate in some areas. This was certainly the case with sport leaders in both countries. The commonly held conception that international sport was an avenue to promote goodwill, friendship and mutual understanding among different peoples facilitated cooperation among them".

A perspectiva voltaria a melhorar a partir de 1944, quando a Argentina após intensa pressão dos EUA rompeu em definitivo as relações diplomáticas com o Eixo e finalmente declarou guerra à Alemanha e ao Japão em março de 1945 (HÉMEURY, 2024, p. 8, tradução nossa⁴⁶). Mas tais movimentos não ocorreram sob o mesmo contexto político que o país sul-americano estava no início da guerra, eles aconteceram a partir 1943, quando um golpe de Estado nacionalista pôs fim ao governo de Ramon Castillo, que havia presidido uma década de governo oligárquico na Argentina (SANTOS, 2016, p. 51, tradução nossa⁴⁷). É nesse contexto político nacionalista, que enfim os Jogos Pan-Americanos vão se tornar uma realidade na década seguinte, dentro do chamado peronismo movimento liderado pelo popular coronel Juan Domingo Perón.

2.1: O PERONISMO, A NOVA ARGENTINA E OS JOGOS PAN-AMERICANOS DE 1951

Figura de destaque por aliar-se a causa operária e aos líderes trabalhistas dentro do conjunto que estabeleceu uma série de governos militares no país, Juan Domingo Perón principal expoente do movimento nacionalista que levantou as bandeiras da justiça social, da independência econômica e da soberania política (REIN, 2015, p. 2, tradução nossa⁴⁸), ascende à presidência da Argentina em 1946 marcando uma mudança dramática na política (TORRES, 2007, p. 50, tradução nossa⁴⁹) no país e se estabelecendo como um dos principais expoentes do populismo latino-americano do século XX (FONSECA; HAINES, 2012, p. 1.043).

O peronismo caracterizado de maneira geral pela incessante busca por independência política e econômica - conhecida como “Terceira Posição”⁵⁰-, pela retórica antiamericana e anti-imperialista (TORRES, 2011, p. 2.566, tradução nossa⁵¹), por suas políticas de massa e intervencionistas, pela mediação entre diferentes segmentos e classes (FONSECA; HAINES, 2012, p. 1.043), mas também

⁴⁶ No original: “[...]rompió relaciones con el Eje y finalmente declaró la guerra a Alemania y Japón en marzo de 1945”.

⁴⁷ No original: “[...]a nationalist coup d'état ended the government of Ramón Castillo, who had presided over a decade of oligarchic rule in Argentina”.

⁴⁸ No original: “[...], it waved the banners of social justice, economic independence, and political sovereignty”.

⁴⁹ No original: “[...]to the presidency of Argentina in 1946 marked a dramatic shift in national politics”.

⁵⁰ Característico do período da Guerra Fria, a “Terceira Via” ou “Terceira Posição” de acordo com Rein (2015), foi uma alternativa apresentada por Perón aos dois sistemas econômicos, ou seja, uma alternativa tanto ao capitalismo (ou individualismo) quanto ao comunismo (coletivismo).

⁵¹ No original: “[...]anti-American and anti-imperialist rhetoric”.

pelo intenso controle e autoritarismo, surge enquanto uma elevada força política no país escancarando como suas principais metas e objetivos o estabelecimento da “unidade nacional” (REIN, 1998, p. 57, tradução nossa⁵²) e principalmente a construção por meio dos mais variados instrumentos e agentes de uma “Nova Argentina” moderna, livre e soberana (HÉMEURY, 2024, p. 2, tradução nossa⁵³).

Dentre os instrumentos utilizados por Perón para auxiliar tanto na construção quanto na projeção dessa nova nação colocada como socialmente justa, politicamente soberana e economicamente independente, destaca-se o esporte que como foi possível observar ao longo dessa exposição encontrava-se até a década de 1940 sob os cuidados de associações esportivas privadas, e com pouquíssima atuação estatal em seus assuntos e organização. A partir da ascensão do governo peronista, essa perspectiva muda e o esporte passa a ser um tema de preocupação proeminente para o Estado (SANTOS, 2015, p 90, tradução nossa⁵⁴), que se torna o maior investidor de esforços e de recursos para seu desenvolvimento, fato antes nunca presenciado na história da Argentina, como bem pontua Rein (1998).

O regime peronista incentivou os esportes amadores e competitivos de vários tipos para crianças e adultos, homens e mulheres - não apenas na capital federal, mas também nas províncias e nos territórios nacionais. Essa expansão da atividade atlética foi uma expressão do caráter populista do regime. Em 1949, Perón já explicava porque era importante não apenas patrocinar os esportes competitivos e de exibição, mas também encorajar todos os cidadãos a participarem deles. (REIN, 1998, p. 55, tradução nossa⁵⁵)

Mas engana-se quem pensa que esse amplo interesse pelas políticas esportivas por parte do governo de Juan Perón, se deu visando puramente o bem-estar físico das massas. Desde cedo, assim como diversos outros líderes que se tem conhecimento na história, Perón enxergava o potencial do esporte enquanto um meio não violento e pouco explícito de controle político a nível doméstico, assim

[...] na Argentina peronista, o incentivo ao esporte também tinha a intenção de servir ao mesmo propósito que serviu originalmente nos países

⁵² No original: “[...] the establishment of 'national unity'”.

⁵³ No original: “[...]en una "Nueva Argentina" moderna, libre y soberana”.

⁵⁴ No original: “[...]an important matter of concern to the state”.

⁵⁵ No original: “The Peronist regime encouraged amateur and competitive sports of various kinds for children and adults, men and women - not only in the federal capital, but also in the provinces and the national territories. This expansion of athletic activity was an expression of the regime's populist character. In 1949 Peron was already explaining why it was important not only to sponsor competitive and exhibition sports, but also to encourage all citizens to participate in them”.

europeus desde a virada do século, ou seja, como um meio de controlar as massas, garantindo que elas continuassem a desempenhar seu papel produtivo no sistema econômico erradicando seu potencial revolucionário. (REIN, 1998, p. 56, tradução nossa⁵⁶).

Além do uso do esporte enquanto um instrumento para atingir objetivos nacionais e exercer o controle doméstico, Perón novamente seguindo os passos de outros líderes nacionalistas, também via o esporte como uma ferramenta versátil para promover objetivos políticos e diplomáticos internacionalmente, como nos mostra Torres (2014). Para alcançar tal propósito que se mostrava bastante complexo em virtude da imagem politicamente negativa do país, o populista utilizou-se das conquistas individuais e coletivas dos atletas da nação, os quais, eram colocados dentro do regime como embaixadores desse novo país em construção e consequentemente importantes agentes que projetavam uma imagem positiva da Argentina (SANTOS, 2015, p. 94, tradução nossa⁵⁷) para o exterior.

Em razão disso, Perón apoiou financeiramente a ida dos atletas representantes da nação para as competições fora dos domínios argentinos em busca de resultados que refletiriam o sucesso de seu governo. A primeira oportunidade vista por Perón como uma plataforma para divulgar sua Nova Argentina, foram os Jogos Olímpicos de 1948, no qual, o país enviou 242 atletas em sua delegação composta por mais de 300 membros, a maior delegação latino-americana nos Jogos de Londres (REIN, 2015, p. 4, tradução nossa⁵⁸) que teve como fruto sete medalhas, sendo: três de ouro, três de prata e uma de bronze o melhor desempenho argentino em todos os Jogos Olímpicos de acordo com Raanan Rein (2015), fato certamente utilizado na autopromoção de Perón.

A edição da competição olímpica de 1952 realizada em Helsinque, também se apresentou para o regime peronista como uma importante vitrine de projeção, na qual a delegação deveria incorporar e divulgar as conquistas da Nova Argentina (TORRES, 2014, p. 163, tradução nossa⁵⁹) a nível internacional. Apesar da equipe reduzida em virtude da situação econômica menos favorável na época, o saldo

⁵⁶ No original: “[...] in Peronist Argentina the encouragement of sport was also intended to serve the same purpose it had originally served in European countries since the turn of the century - namely, as a means of both controlling the masses, ensuring that they continued to perform their productive role in the economic system, and eradicating their revolutionary potential”.

⁵⁷ No original: “[...]agents projecting a positive image of Argentina”.

⁵⁸ No original: “[...]the largest Latin American delegation in the London Games”.

⁵⁹ No original: “[...]delegation was supposed to embody and publicize the achievements of the New Argentina”.

conquistado pelos atletas - que viviam sob intensa pressão por resultados por parte do governo - também se mostrou positivo: uma medalha de ouro, duas de prata e duas de bronze, que assim como nos jogos de 1948 foram evidenciadas como conquistas de todo país.

Os sucessos de atletas individuais ou da equipe nacional de um determinado esporte foram apresentados como a vitória coletiva de toda a sociedade argentina, transcendendo divisões de classe social, origem, local de residência e filiação política. A bandeira azul e branca tremulando nos estádios de todo mundo foi um estímulo ao patriotismo e a unidade nacional, bem como uma prova de que a Argentina estava "no mapa" e recebendo a merecida atenção internacional. (REIN, 1998, p. 68, tradução nossa⁶⁰).

Mas como um exímio propagador de ideologias, Perón entendeu que não só os atletas poderiam disseminar uma representação positiva de sua Nova Argentina no exterior, mas também que sediar eventos esportivos internacionais oferecia uma plataforma única para atingir esse objetivo (TORRES, 2014, p. 161, tradução nossa⁶¹) tão almejado. Assim, após estabelecer um sistema centralizado de supervisão de todos os esportes (TORRES, 2007, p. 52, tradução nossa⁶²) composto por líderes esportivos fortemente associados ao governo, o regime peronista - em paralelo às participações em competições fora do país - foi em busca da realização de megaeventos esportivos internacionais das mais variadas ordens para o país, objetivando expor ainda mais a natureza transformadora do peronismo, que supostamente havia colocado a Argentina no caminho da grandeza (REIN, 2015, p. 3, tradução nossa⁶³).

O marco inicial da inserção da nação no grupo de sedes de eventos esportivos internacionais se deu quando a Argentina foi escolhida em 1948 para realizar o primeiro Campeonato Mundial de Basquete Masculino inaugurado em 1950, na capital Buenos Aires. Esse torneio, que já representava um importante

⁶⁰ No original: “The successes of individual athletes, or of the national team for a particular sport, were presented as a collective victory for all of Argentine society, transcending the divisions of social class, origin, place of residence and political affiliation.⁴⁸ The blue and white flag fluttering in stadiums all over the world was a spur to patriotism and national unity, as well as proof that Argentina was 'on the map' and receiving well-earned international attention.”

⁶¹ No original: “[...] could athletes disseminate a positive representation of his New Argentina abroad but also that hosting international sporting events offered a unique platform to accomplish such a goal”.

⁶² No original: “[...]a centralized supervisory system overseeing all sports”.

⁶³ No original: “[...] the transformative nature of Peronism, which had putatively set Argentina on a road to greatness.”

veículo para conquistas maiores futuramente, contou com a presença de dez equipes de diferentes partes das Américas, Europa e também da Ásia. O campeonato foi um sucesso em termos de conquista para os atletas que venceram as equipes do Brasil, França, Chile, Egito e para felicidade da nação - e especialmente do anti-americano Perón - também derrotaram na grande final a potente equipe dos Estados Unidos por 64 a 50. Tal feito, foi certamente um dos auge da promoção do patriotismo, da unidade nacional e da Nova Argentina, que mostrou a capacidade de bater de frente com aqueles apontados como principal a potência da modalidade no continente, constituindo-se um verdadeiro embate entre rivais no esporte e principalmente no âmbito político.

No entanto, mesmo com esse sucesso do Campeonato Mundial de Basquete Masculino, o governo peronista é lembrado por ter sido sede de outro evento esportivo internacional, de dimensões e significados políticos ainda mais grandiosos, que são os primeiros Jogos Pan-Americanos da história. Objeto central da presente exposição, a edição de 1951 dos jogos continentais apresenta-se dentro da historiografia a respeito da temática como um exemplo notável da instrumentalização política do esporte por um regime populista e autoritário (HÉMEURY, 2024, p. 3, tradução nossa⁶⁴), que se colocou - diferentemente do governo que compunha a tentativa de sediá-lo em 1942 -, como centro do evento inaugural do início da década de 1950, conforme ilustra Torres (2011).

A caminhada da Argentina rumo a efetiva inauguração dos Jogos Pan-Americanos, iniciou-se em 1945 a partir da confirmação da realização dos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres no pós Segunda Guerra Mundial. O primeiro passo dado pela agora denominada CADCOA - Confederação Argentina do Esporte + Comitê Olímpico Argentino⁶⁵ -, ainda liderado por Juan Carlos Palacios⁶⁶, foi propor 1950 como uma nova data para inauguração do torneio. A sugestão foi aceita a princípio, mas sofreu alterações no Segundo Congresso Esportivo Pan-Americano, realizado justamente em 1948, durante as olimpíadas em questão.

De acordo com Santos (2015), o Segundo Congresso Esportivo Pan-Americano, contou com a presença de vinte e cinco delegados de doze países

⁶⁴ No original: “[...]como un ejemplo destacado de instrumentalización política del deporte por un régimen populista y autoritario”.

⁶⁵ Rein (1998) demonstra que Perón estabeleceu um sistema centralizado de supervisão de todos os esportes e que uma das medidas para esse fim foi a fundação dessa nova organização que fundiu os dois órgãos esportivos.

⁶⁶ Santos (2015) pontua que Palácios renunciou ao cargo em setembro de 1947.

das Américas. Destacam-se desse encontro de líderes esportivos, os seguintes pontos: Avery Brundage à época vice-presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), foi reeleito como presidente do Comitê Esportivo Pan-Americano para um mandato até 1955; ademais, confirma-se Buenos Aires como sede dos primeiros Jogos Pan-Americanos e por fim, altera-se a data de inauguração do campeonato para 25 de fevereiro de 1951, para evitar conflitos e interferências nos VI Jogos da América Central e do Caribe que já estavam programados para 1950, data proposta antes do Segundo Congresso.

A partir dessas decisões, começam de fato os preparativos para a materialização dos Jogos Pan-Americanos inaugurais. Com total apoio financeiro do entusiasmado Péron, que queria fortalecer as relações entre as nações vizinhas e provar o sucesso do regime, conforme pontua Rein (2015), os membros da CADCOA - presidida na maior parte do processo de organização pelo advogado peronista e presidente da Suprema Corte Argentina, Rodolfo G. Valenzuela - assumiram mais uma vez os preparativos para os Jogos. No entanto, as políticas do novo regime mudaram drasticamente o ambiente (SANTOS, 2016, p. 51, tradução nossa⁶⁷) de preparação e inauguração do evento hemisférico, que ao contrário da tentativa de 1942 foi caracterizado pela constante falta de informações da evolução de sua organização, que deveriam ser compartilhadas com os órgãos esportivos superiores, mas acabaram ficando quase inteiramente restritas às autoridades esportivas e ao governo do país. Tal problemática, ia completamente contra ao que muitos membros das organizações esportivas, e especificamente o idealista Avery Brundage, pregavam, que era a total desvinculação entre política e o esporte.

Mesmo com essa questão, é possível realçar algumas movimentações dos peronistas para tornarem os Jogos uma realidade. Chamam a atenção entre as ações efetuadas: o envio de delegações de atletas e líderes para uma turnê - que de acordo com Lucie Hémeury (2024, p. 10) foi semelhante à realizada por Francisco Borgonovo na década de 1940 - aos países vizinhos a fim de garantir suas participações no campeonato continental. Somado a isso, a autora também pontua que, além das seleções dos atletas argentinos por todo país houveram também publicações de boletins informativos destinados às instituições esportivas sobre o andamento dos preparativos, ambos realizados pela CADCOA. Já Santos

⁶⁷ No original: “The policies of the new regime dramatically changed the environment for the inauguration”.

(2015), ressalta o envio de uma cópia do programa do torneio e de suas regras gerais - adaptadas às demandas e características do evento - a cada país participante, além claro de estudos dos pontos operacionais e logísticos dos Jogos.

Integrando esse conjunto de iniciativas para garantir o sucesso das competições, é possível sinalizar conforme Hémeury (2024) que: a chegada de atletas estrangeiros e a importação de equipamentos esportivos foram facilitadas no país e o governo reduziu tarifas de transporte, hotéis e isentou todos os participantes das taxas alfandegárias. Associado a tais demandas, verificaram-se também a realização de obras públicas⁶⁸ totalmente voltadas ao campeonato, como é o caso do Velódromo Municipal “Presidente Perón” e da Vila Pan-Americana. Por fim, os organizadores junto ao governo promoveram um concurso para a criação dos pôsteres do evento hemisférico, cujos designs

[...] justapunham os símbolos da antiguidade clássica e do olimpismo com os da “americanidade”, representados pelas bandeiras das nações participantes, um indio armado com um arco ou um atleta negro brandindo uma tocha flamejante. Todos eles ostentam o brasão peronista, reinterpretación do emblema nacional argentino que se tornou tão popular em 1946-1955 que substituiu em documentos e edifícios oficiais (Adamovsky e Buch, 2016). A presença desse símbolo não é insignificante: ele indica explicitamente que o local desses primeiros Jogos Pan-Americanos não era a Argentina, mas a Nova Argentina, forjada pelo peronismo (HÉMEURY, 2024, p. 12-13, tradução nossa⁶⁹).

Diante de todo esse aparato físico, esforço operacional e claro, intensa propaganda da Nova Argentina peronista, os tão sonhados jogos continentais enfim ganham vida. Inaugurados oficialmente em 25 de fevereiro de 1951 para um público estimado em cem mil pessoas (SANTOS, 2015) presentes no estádio do Racing Club denominado “Presidente Perón”, os Jogos Pan-Americanos reuniram em Buenos Aires 2.513 atletas de 21 países distintos em cerca de 19 modalidades esportivas diferentes.

⁶⁸ Raanan Rein (2015) explicita que Perón realizou diversas obras públicas para justamente causar boas impressões aos visitantes da Nova Argentina.

⁶⁹ No original: “[...] yuxtaponían los símbolos de la antigüedad clásica y del olimpismo con los de la “americanidad”, representados por las banderas de las naciones participantes, un indio armado con un arco o un atleta negro blandiendo una antorcha encendida. Todos ellos llevan el escudo peronista, una reinterpretación del emblema nacional argentino que se hizo tan popular en 1946-1955 que lo sustituyó en documentos y edificios oficiales (Adamovsky e Buch, 2016). La presencia de este símbolo no es insignificante: indica explícitamente que la sede de estos primeros Juegos Panamericanos no era Argentina, sino la Nueva Argentina, forjada por el peronismo.

O megaevento esportivo realizado em um contexto político de efervescência (SOUZA, SATYRO, OLIVEIRA, 2009), foi dividido em três partes principais: a cerimônia de abertura, as competições e a festa de encerramento. O grande evento de abertura que representou o clímax de um longo processo de organização e esforço (REIN, 1998, p. 69, tradução nossa⁷⁰) teve diversos momentos marcantes e simbólicos, constituindo-se no início da demonstração da Nova Argentina peronista e da longa história dos Jogos Pan-Americanos. A cerimônia oficial, presidida conforme Torres (2011) por Perón e sua esposa Eva Perón, recebidos com grande entusiasmo pelo público, contou com a presença de diversos representantes esportivos das federações participantes, de políticos influentes, de líderes sindicais, de jornalistas e claro de membros do COI, incluindo Avery Brundage, o que aumentou o reconhecimento do evento internacionalmente, como colocado por Hémeury (2024).

Chama a atenção nesse momento, que os protocolos da cerimônia estavam repletos de elementos que emulavam os Jogos Olímpicos (SANTOS, 2015, p. 111, tradução nossa⁷¹), fato proibido pelo COI ainda extremamente receoso de que as competições regionais tomassem o lugar de seu precioso e restrito megaevento esportivo. Neste contexto, foram verificadas as seguintes ações: desfiles das delegações participantes; acendimento do fogo pan-americano com uma chama trazida diretamente de Olímpia; hasteamento das bandeiras de todas as nações presentes no evento; entrega de ramos de Oliveiras a Eva e Juan e o juramento dos atletas, tudometiculosamente organizado, bastante enfatizado e altamente similar aos protocolos olímpicos.

Associados a tais protocolos, houve discursos de alguns líderes presentes. Dentre os que discursaram, encontram-se o presidente da CADCOA Rodolfo Valenzuela, que de acordo com Santos (2015), falou sobre a importância dos Jogos Pan-Americanos para as Américas, enfatizando que a Argentina, unida a seus países irmãos, estavam naquele momento divulgando seus ideais ao mundo. Valenzuela ao mesmo tempo que atribuía a iniciativa do torneio ao presidente Perón, também seguia a mesma linha de seu líder, atribuindo a construção dos Jogos a uma ação coletiva de todo país. Já a breve fala de Avery Brundage,

⁷⁰ No original: “[...] the climax of a prolonged organizing effort”.

⁷¹ No original: “The protocols of the ceremony were full of symbolic elements that emulated the Olympic Games”.

restringiu-se a um agradecimento em nome do esporte pan-americano a Juan e Eva Perón, que sem os quais, o torneio não teria sido possível (HÉMEURY, 2024, p. 15, tradução nossa⁷²) de acordo com o vice-presidente do COI. Por fim, em uma exposição tímida, Perón apenas declarou os primeiros Jogos Pan-Americanos abertos, pois a grandiosidade que ele objetivava mostrar já estava sendo colocada durante toda a cerimônia.

As competições seguiram dia após dia e aparentemente tudo ocorreu bem até a festa de encerramento realizada em 8 de março de 1951 no estádio do Club Atlético River Plate, (Torres,2014). Com as autoridades enfatizando a atmosfera amigável e o espírito de cooperação interamericana que encontraram nos jogos (SANTOS, 2015, p. 120, tradução nossa⁷³) este evento de encerramento, tão grandioso quanto a cerimônia de abertura, constituiu-se no ato final de um dos melhores momentos vistos durante o regime peronista. Aqui, apresenta-se pela primeira vez para um público estimado em setenta e cinco mil pessoas, a bandeira Pan-Americana, que foi entregue por Valenzuela ao presidente Perón, como bem pontua Hémeury(2024). Associado a tal acontecimento, assim como foi presenciado na festa inicial, nesta oportunidade também foi possível verificar alguns protocolos que remeteram aos Jogos Olímpicos como: o desfile das delegações, apagamento da chama e o momento em que se abaixam todas as bandeiras, deixando em evidência apenas a da atual anfitriã e a da próxima sede, que neste caso seria o México em 1955.

Diferentemente do evento de abertura, o discurso do encerramento foi feito por Eva Perón, um dos destaques da noite e da política peronista. Aproveitando-se da visibilidade da cerimônia, Evita buscou promover o peronismo como um movimento pan-americano, que prometia independência econômica, soberania política e justiça social (ELSEY, 2016, p. 109, tradução nossa⁷⁴). Ou seja, a primeira-dama, procurou nesse momento de entusiasmo e expressão do nacionalismo concretizar a doutrina peronista como uma forma ideal de resolver as tensões sociais e as divisões internacionais, como uma alternativa às relações interamericanas existentes e como um novo modelo para o futuro da América Latina

⁷² No original: “[...]en nombre del “deporte panamericano”40, dio las gracias a Juan y Eva Perón, sin los cuales el torneo no habría sido posible”.

⁷³ No original: “[...]the friendly atmosphere and the spirit of Inter-American cooperation they found in the 1951 Pan-American Games”.

⁷⁴ No original: “[...]Peronism as a Pan-American movement that promised economic independence, political sovereignty, and social justice”.

(HÉMEURY, 2024, p. 19-20, tradução nossa⁷⁵), imersa na tensão geopolítica da Guerra Fria.

Seguindo a mesma linha de Eva, Juan Perón, conforme ilustra Rein (2015), também não perdeu a oportunidade de, em seu discurso, agitar as três bandeiras de seu movimento: a Argentina justa, livre e soberana. Aqui, Perón deixa claro que o esporte - um meio de construção de homens saudáveis que vão ajudar a construir essa Nova Argentina - junto aos eventos esportivos internacionais, eram para ele, os meios de realizar e divulgar essa glória (TORRES, 2014, p. 168, tradução nossa⁷⁶) tão almejada.

Os resultados da valorização do esporte na política peronista e de todo o investimento nos Jogos Pan-Americanos, não poderia ser diferente do sucesso para os atletas do país. Sendo, de acordo com o PanamSports, a primeira nação da história a subir ao pódio dos jogos continentais, a Argentina representada por atletas que competiram em altíssimo nível, terminaram a competição

[...] dominando a contagem de medalhas com um total de 154 (68 de ouro, 47 de prata e 39 de bronze), muito à frente dos Estados Unidos, que ficaram em segundo lugar com 98 (46 de ouro, 33 de prata e 19 de bronze). Muitos desses atletas dedicaram seus triunfos a Perón, que demonstrou entusiasticamente gratidão aos atletas e os parabenizou por suas conquistas. (TORRES, 2014, p. 169, tradução nossa⁷⁷)

Tais aspectos quantitativos foram amplamente utilizados e divulgados pelo regime de Perón como sucessos coletivos, dos quais ele participou diretamente (HÉMEURY, 2024, p. 18, tradução nossa⁷⁸) incentivando, apoiando e até mesmo coagindo. Esses números - que tinham um caráter ainda mais especial por se tratar de uma disputa direta com os EUA - associados a todo aparato físico e empenho dos organizadores chamam a atenção pois, foram de certa forma o reflexo das ações dos peronistas que visavam projetar uma imagem positiva da Argentina, atrair sem o uso da força novos parceiros para sua “Terceira Posição” e certamente

⁷⁵ No original: “[...]como una forma ideal de resolver las tensiones sociales y las divisiones internacionales, como una alternativa a las relaciones interamericanas existentes y como un nuevo modelo panamericano que debía adoptarse”.

⁷⁶ No original: “[...] international sporting events were, for him, means to accomplish and publicize such glory”.

⁷⁷ No original: “[...]dominating the medal count with a total of 154 (68 gold, 47 silver, and 39 bronze), way ahead of the United States, which was second with 98 (46 gold, 33 silver, and 19 bronze).⁸¹ Many of these athletes dedicated their triumphs to Perón, who enthusiastically showed gratitude to the athletes and congratulated them on their accomplishments”.

⁷⁸No original: “[...]era un éxito colectivo, en el que él había participado directamente”.

mostrar ao COI sua capacidade de abrigar os tão sonhados e mundialmente conhecidos Jogos Olímpicos.

Sendo a Nova Argentina uma daquelas nações que se utilizou dos instrumentos culturais de *soft power* para melhorar imagens e estereótipos negativos que os outros possuíam dela, visando, com isso, atingir os objetivos citados acima, cabe refletir se todo esse movimento obteve algum efeito para o país. César Torres (2014, p. 173) argumenta que o uso do esporte por Perón enquanto uma ferramenta diplomática, teve uma resposta complexa e longe de ser linear em outros países, e que os objetivos do Estado peronista nesse sentido tiveram variados graus de sucesso.

Como era de se esperar, a visão e a repercussão dos Jogos Pan-Americanos de 1951 nos Estados Unidos - que certamente era o principal alvo da Argentina em termos de melhoramento de imagem externa - não foi das melhores. De maneira geral, conforme Rein (2015) os Jogos Pan-Americanos não conseguiram despertar muito interesse nos EUA no campo esportivo, mas certamente isso se deveu em maior grau aos aspectos políticos. Embora os atletas norte-americanos tenham sido bem recepcionados em solo argentino e mesmo que o governo peronista não tenha promovido externamente a agenda antiamericana que a imprensa dos EUA alegava (ELSEY, 2016, p. 111, tradução nossa⁷⁹), a literatura a respeito da temática demonstra que os meios de comunicação norte-americanos foram bastante críticos em relação ao megaevento, se esforçando ainda mais para fomentar e projetar a imagem negativa que o país tinha de Perón.

Dentre as críticas disseminadas, Santos (2015) nos traz uma feita pelo *Chicago Tribune* durante o evento, que apontou o uso do esporte por Perón para fazer capital político, o que de certa forma não foi uma mentira. Mas a principal questão envolvendo a repercussão dos Jogos Pan-Americanos nos EUA, que é unanimidade dentro das pesquisas dessa edição do torneio, foi a massiva comparação de Juan Perón a Adolf Hitler, que utilizou-se da edição de 1936 dos Jogos Olímpicos em Berlim para promover suas ideologias como benéficas. A título de exemplo, Elsey (2016) ilustra um trecho publicado pelo *New York Times*, o qual, dizia: “É lamentável, no entanto, que os primeiros Jogos Pan-Americanos tenham tido que enfrentar os mesmos fantasmas políticos que assombraram os Jogos

⁷⁹ No original: “The Peronist government did not outwardly promote the anti-US agenda that the US press claimed”.

Olímpicos de 1936 em Berlim. Hoje temos Perón. Uma década e meia atrás era Hitler.” (Arthur Daily, ‘Sports of the Times’, New York Times, 27 February 1951, 44. *apud* ELSEY, 2016, p.109-110, tradução nossa)

Tais comparações, de certa forma exageradas, foram bastante comuns em virtude da neutralidade adotada pela Argentina durante a Segunda Guerra Mundial e em algum grau por conta da busca do regime por uma “Terceira Via” em termos de sistema econômico. A imagem negativa de Perón projetada por esses meios de comunicação nos Estados Unidos ecoava a atitude predominante no governo americano (TORRES, 2014, p. 172, tradução nossa⁸⁰⁸¹), assim, mesmo depois de um certo tempo

Não importava o que o presidente argentino fizesse, ele não conseguia se livrar da mancha do apoio à neutralidade de seu país durante a Segunda Guerra Mundial. Na mídia de massa americana, ele sempre foi retratado como um apoiador da Alemanha nazista, um oficial militar autoritário que também era inimigo do capitalismo e do livre mercado (REIN, 2015, p.11 , tradução nossa⁸²).

Por outro lado, se a política cultural de Perón por meio do esporte não teve muita aceitação, se é que teve alguma nos Estados Unidos, ela se saiu melhor em outras partes do mundo (TORRES, 2014, p. 172, tradução nossa⁸³). Dentre os exemplos trazidos por César Torres, é possível verificar que

El Mundo Deportivo uma revista esportiva espanhola apresentou uma imagem da Nova Argentina bem diferente da apresentada pela mídia dos EUA. Diego Alcazar que escreveu vários artigos de Buenos Aires para a revista não só não encontrou nenhum uso político preocupante dos Jogos Pan-Americanos de 1951, como também achou que aqueles dias esportivos foram “memoráveis” (TORRES, 2014, p.172, tradução nossa⁸⁴).

⁸⁰ No original: “The negative image of Perón projected by these mainstream media outlets in the United States echoed the prevailing attitude within the US government”.

⁸¹ No original: “[...] ‘It is indeed unfortunate, though, that the first Pan-American Games had to encounter the same political hobgoblins that haunted the 1936 Olympic games at Berlin. Today we have Perón. A decade and a half ago it was Hitler’”.

⁸² No original: “No matter what the Argentine president did, he could not get rid of the stain of his support for his country’s neutrality during World War II. In the American mass media, he was always portrayed as a supporter of Nazi Germany, an authoritarian military officer who was also an enemy of capitalism and the free market”.

⁸³ No original: “If Perón’s cultural policy through sport did not enjoy much acceptance, if any, in the United States, it fared better in other parts of the world”.

⁸⁴ No original: “El Mundo Deportivo, a Spanish sport magazine, presented quite a different image of the New Argentina than the one advanced by the mainstream U.S. media. Diego Alcazar wrote numerous articles from Buenos Aires for the magazine. Not only did he not find any troubling political use of the 1951 Pan-American Games, but he thought that those sporting days were “memorable””.

Um outro exemplo que pode ser colocado no grupo de impressões positivas da Nova Argentina através dos Jogos Pan-Americanos foi

[...] fornecida por Carlos H. Malespin, um assessor do presidente da Nicarágua que viajou a Buenos Aires com a delegação de seu país. Malespin declarou que a delegação nicaraguense foi tratada com cordialidade e destacou o trabalho realizado pelos Peróns e pela CADCOA, “que fez muito para unir os países das Américas”. (TORRES, 2014, p. 172, tradução nossa⁸⁵).

Por fim, Hémeury (2024, p. 20) ilustra que após o discurso de Eva Perón na cerimônia de encerramento, alguns correspondentes chilenos, mexicanos e guatemaltecos pareceram receptivos à alternativa peronista da Terceira Via. Tal fato, mostrou-se de extrema importância para as aspirações de Perón, que durante os Jogos Pan-Americanos estava buscando aliados nas Américas para criar laços econômicos mais fortes (ELSEY, 2016, p. 113, tradução nossa⁸⁶).

Se por um lado, os jogos continentais ajudaram a disseminar ainda mais a imagem negativa da Argentina nos Estados Unidos e por outro geraram alguns olhares positivos para as ações do regime nos países citados acima, eles não incentivam de forma alguma a projeção de imagens positivas - e também negativas - do país nos jornais brasileiros de São Paulo, os quais, adotaram apenas uma postura informativa sobre o evento em si, conforme Torres (2014). O torneio propriamente dito, também não despertou o interesse em jornais europeus como o francês *Le Monde* e o *Times* de Londres, mas outros assuntos da Argentina foram abordados por esses mesmos veículos no período das competições, como é o caso da disputa contínua entre o diário *La Prensa*⁸⁷, de Buenos Aires, e o regime peronista (TORRES, 2014, p. 173, tradução nossa⁸⁸), questão claramente política.

Já a nível doméstico o torneio foi um sucesso, e de modo geral, os jornais fizeram uma avaliação positiva dos jogos, enfatizando que o evento foi bem

⁸⁵ No original: [...] was provided by Carlos H. Malespin, an aide of the president of Nicaragua who traveled to Buenos Aires with his country's delegation. Malespin declared that the Nicaraguan delegation was treated with cordiality and highlighted the work done by the Peróns and CADCOA, “which does so much for bringing together the countries of the Americas”.

⁸⁶ No original: “[...]was in the midst of seeking allies within the Americas to create stronger economic”.

⁸⁷ Hémeury (2024) afirma que o jornal Argentino, foi expropriado pelo governo peronista, que reprimia aqueles que eram contrários ao regime.

⁸⁸ No original: “[...]the ongoing feud between the Buenos Aires daily La Prensa and the Peronist regime”.

organizado e projetou uma boa imagem do país no exterior (SANTOS, 2015, p.118, tradução nossa⁸⁹). No que tange a questão política peronista

Em casa, parece que sua popularidade aumentou, mesmo entre os setores da oposição, entusiasmados com as vitórias argentinas na arena esportiva internacional. Isso não é surpresa, levando-se em consideração o quanto os esportes estão profundamente enraizados na sociedade argentina. Nesse sentido, os Jogos contribuíram para o propósito de ganhar legitimidade política adicional (REIN, 2015,p. 10, tradução nossa⁹⁰).

Diante do exposto, é possível deduzir que o megaevento esportivo ocorrido em 1951 foi bem-sucedido em termos esportivos, não sendo por acaso que após sua ocorrência, os Jogos Pan-Americanos se firmaram como um importante torneio no calendário esportivo mundial. Mas em termos políticos embora tenha tido um bom saldo internamente ele não teve o efeito desejado de mudança radical na imagem externa da Argentina peronista (HÉMEURY, 2024, p. 21, tradução nossa⁹¹), que se esforçou bastante para obter dividendos políticos oriundos das competições.

O empenho argentino e o sucesso esportivo dos primeiros Jogos Pan-Americanos, o maior evento esportivo internacional realizado na América Latina até aquele momento, também não foram suficientes para atingir outro objetivo peronista que era sediar os Jogos Olímpicos em Buenos Aires. Mesmo o presidente Perón prometendo todo recurso necessário para concretizar esse sonho que Torres (2007)⁹² demonstra ser antigo, mesmo o regime peronista tendo sido o primeiro governo da Argentina a apresentar uma candidatura completa ao torneio Olímpico - quase vencendo Melbourne, em 1948⁹³ - e mesmo que a capital do país tenha se mostrado capaz de abrigar um megaevento dessa magnitude, essa meta também não foi alcançada, mesmo após a saída de Perón do poder.

Esse ponto ilustra como o uso de megaeventos de ordens menores são utilizados há muito tempo como vitrine para mostrar as potencialidades e a capacidade das cidades de sediarem o principal megaevento multiesportivo do

⁸⁹ No original: "[...] the papers gave a positive assessment to the Games, emphasizing that the event was well organized, and projected a good image of the country abroad".

⁹⁰ No original: "At home it seems that his popularity went up, even among opposition sectors, enthusiastic about Argentine victories in the international sports arena.⁶¹ This is no surprise, taking into consideration how deeply sports are rooted in Argentine society. In this sense, the Games contributed to the purpose of winning additional political legitimacy".

⁹¹ No original: "[...]no significó un cambio rotundo para la imagen exterior de la Argentina peronista".

⁹² O autor traça uma linha do tempo demonstrando que o desejo argentino de sediar os Jogos Olímpicos vinha do início do século XX.

⁹³ Buenos Aires se candidatou para sediar os Jogos Olímpicos de 1956 chegando à fase final da votação. A capital argentina foi derrotada por Melbourne por 21 votos a 20.

mundo. Naquela época, o COI ainda não se mostrava tão aberto a expandir os horizontes para além do norte global, mesmo que diversas porções do globo tenham manifestado vontade e capacidade para abrigar os Jogos Olímpicos.

Ao longo do tempo, os Jogos Pan-Americanos foram aprimorados e expandidos, ganhando maior relevância e visibilidade não apenas no continente. Os jogos continentais, estiveram imersos em distintos contextos políticos e econômicos nas Américas, agregando durante toda sua história uma enorme atratividade enquanto uma vitrine que projeta boas imagens das nações anfitriãs. No entanto, ele só conseguiu ser efetivamente um veículo de demonstração de capacidade das cidades para sediar os Jogos Olímpicos mais de meio século depois de sua inauguração em Buenos Aires, quando foi adquirido e sediado pelo Brasil, no ano de 2007 como veremos a seguir.

2.2: OS DILEMAS DA POLÍTICA INTERNA E O PAN-2007

Tendo o esporte como um dos principais veículos culturais de construção de imagens positivas para o exterior, o Brasil conhecido mundialmente por seu futebol, possui uma larga trajetória enquanto país sede dos mais variados torneios esportivos internacionais. Figuram desde o início do século XX entre os eventos e megaeventos esportivos sediados pelo país: mundiais de modalidades como basquete e voleibol; corridas de fórmula 1; torneios de tênis; Copa do Mundo de Futebol masculino (1950 e 2014) e Copa América; Jogos Olímpicos de Verão; e também campeonatos individuais e multiesportivos que englobam tanto parte do continente, como é o caso dos Sul-Americanos, quanto o continente como um todo como é o caso dos Jogos Pan-Americanos, com os quais Brasil possui uma longa relação.

A história do país com o torneio hemisférico inicia-se quando em 1922, a cidade do Rio de Janeiro abrigou os Jogos Latino-Americanos, campeonato que não teve uma vida longa mas que é apontado na literatura à respeito da temática e no presente trabalho como um dos precursores dos atuais Jogos Pan-Americanos, que nesta configuração já fizeram parte do calendário nacional de megaeventos esportivos em duas ocasiões.

Situados em um contexto histórico marcado no plano internacional pela Guerra Fria⁹⁴ e pelo auge da ideologia do desenvolvimentismo (MASCARENHAS, 2011, p. 84), a IV edição dos Jogos Pan-Americanos, primeira realizada em território brasileiro, teve como sede a cidade de São Paulo. De acordo com Santos (2014), São Paulo foi escolhida para abrigar o torneio em 1959, durante o VII Congresso Esportivo Pan-Americano onde venceu a disputa com a cidade canadense Winnipeg por 18 votos a 5. Após ser eleita sede do campeonato de 1963 e contando com reduzido apoio do poder público que apenas colaborava eventualmente para a “causa esportiva” (MASCARENHAS, 2011, p.92), os preparativos para os Jogos foram iniciados na cidade. Cuidaram-se das questões logísticas, operacionais e de infraestrutura que teve uma demanda menor - se comparada a outras edições do torneio - pois os organizadores buscaram utilizar-se das instalações pré-existentes na cidade, descartando a necessidade de construção de novos equipamentos esportivos e consequentemente levando a uma grande redução no custo do evento, conforme relata Mascarenhas (2011).

Inaugurados em 20 de abril de 1963, em uma cerimônia de abertura para aproximadamente 80.000 pessoas no Estádio do Pacaembu, os IV Jogos Pan-Americanos contaram com a presença de cerca de 1.665⁹⁵ atletas competindo por 22 países em mais de vinte modalidades distintas, incluindo o Judô que conforme Sousa, Satyro e Oliveira (2009) estreou no programa Pan-Americano nesta edição. Santos (2015), pontua que a disputa pelo pódio foi bastante acirrada e teve como saldo final uma maior divisão das medalhas entre os países, com o Brasil finalizando sua participação em segundo lugar com o total de 52 medalhas (14 de ouro, 20 de prata e 18 de bronze), ficando atrás apenas dos Estados Unidos.

Os Jogos de 1963 foram encerrados em 5 de maio também em uma cerimônia no Estádio do Pacaembu. Levando-se em consideração o momento delicado e conflituoso entre os EUA e Cuba que de certa forma interferiu nas relações entre as Américas, a quarta edição do torneio continental pode ser considerada um sucesso, tanto em termos de legados físicos como é o caso da Vila Pan-Americana que se tornou residência estudantil da Universidade de São Paulo

⁹⁴ Nothen (2016) relata que os Jogos Pan-Americanos de 1963 ocorreram após um dos episódios mais dramáticos da Guerra Fria que foi a Crise dos Mísseis de Cuba.

⁹⁵ Mascarenhas (2011) aponta que todas as despesas de deslocamento e estada no Brasil, ficava por parte das delegações participantes, o que pode explicar o menor número de atletas presentes na edição pois, alguns países não compareceram e outros enviaram apenas os melhores atletas para reduzir custos.

(USP) (SANTOS, 2014, p.7-8, tradução nossa⁹⁶) quanto em termos de imagem a nível nacional e internacional para o Brasil.

Assim como na primeira edição analisada ao longo deste texto, o sucesso do evento esportivo internacional realizado na cidade brasileira despertou o desejo de uma futura candidatura aos Jogos Olímpicos. Tal vontade não se concretizou naquele período pois, no ano seguinte à materialização do torneio hemisférico foi instaurado um longo e violento regime militar no país, desencadeando mais de duas décadas sem a realização de megaeventos esportivos de grande destaque no Brasil, como bem pontua Nothen (2016).

Embora não possamos considerar a política externa do regime militar como um todo, a relação com a realização de competições esportivas internacionais durante o regime foi deixada de lado [...] O uso do esporte pelo regime militar tomou outro rumo, por meio da propaganda nacionalista das conquistas da seleção brasileira de futebol, com o objetivo de torná-la uma vitrine do sucesso do regime, em termos nacionais e internacionais. (SANTOS, 2014, p.8 , tradução nossa⁹⁷)

Como o populista Perón, o regime militar brasileiro buscou associar o sucesso e amenizar as tensões de seu governo a partir das conquistas dos atletas da nação. O exemplo que permeia a memória popular foi exatamente através da conquista da Copa do Mundo de 1970, onde a ditadura mobilizou realizações no campo de jogo para minimizar as crescentes tensões no nível político e, principalmente, como fonte de legitimação do regime (NOTHEN, 2016, p. 6-7, tradução nossa⁹⁸). Neste contexto, não interessava ser sede, buscava-se apenas a vitória como reflexo das ações do regime.

Esse quadro mudou com o fim da ditadura militar que durou até metade da década de 1980. Embora o cenário político tenha demorado a se apresentar estável, aos poucos o Brasil consolida suas bases democráticas e passa a partir do paradigma neoliberal que se estabeleceu na América Latina (SANTOS, 2014, p. 8,

⁹⁶ No original: “[...]such as the Olympic Village that became residence for University of São Paulo students”.

⁹⁷ No original: “Although we cannot consider the foreign policy of the military regime as a whole, the relation with the implementation of international sports competitions during the regime was set aside, as well as the ideological elements of the theory expounded by Latin American Bernal-Meza, such as developmentalism, westernism, liberalism and the culture of democracy. The use of sports by the military regime took another route, through the nationalist propaganda of Brazilian national football team's achievements, aiming at making it a showcase of success of the regime, in national and international terms”.

⁹⁸ No original: “[...]mobilized accomplishments on the playing field to downplay growing tensions at the political level and, most notably, as a source of legitimization for the regime”.

tradução nossa⁹⁹) no fim do século XX a figurar como um importante competidor para sediar megaeventos esportivos (BIENENSTEIN et.al, 2011, p. 123) internacionais.

Diante de um novo panorama político, econômico e informacional, o país inicia a busca para captar megaeventos esportivos, que agora mais do que nunca se constituem em uma das mercadorias culturais de projeção de imagens mais cobiçadas pelos governos, que procuram obter além de mais visibilidade internacional outros ganhos diplomáticos. Por óbvio, o principal objetivo do Brasil era alcançar uma das duas maiores competições esportivas internacionais, a Copa do Mundo de Futebol Masculino e/ ou os Jogos Olímpicos de Verão.

No que tange a Copa do Mundo de Futebol Masculino, o Brasil candidatou-se para abrigar o torneio de 1994, o de 1998 e o de 2006, além de apenas manifestar interesse em sediar a edição de 2002. Já para os Jogos Olímpicos de Verão o país se candidatou para ser sede dos Jogos do ano 2000 - não participando oficialmente da disputa - para os de 2004 e os de 2008. Certamente, o Brasil não foi bem-sucedido em nenhuma das tentativas elencadas acima, mas elas serviram como motores para a busca e obtenção de um outro megaevento esportivo internacional de porte menor mas de ampla visibilidade já conhecido no país, que são os Jogos Pan-Americanos de 2007 realizados na cidade do Rio de Janeiro.

De maneira geral, os Jogos Pan-Americanos foi difundido para coletividade como um passaporte “certeiro” para uma futura candidatura olímpica (BENEDICTO, 2009, p. 17), como um veículo de possível projeção internacional da cidade (MOLINA, 2013), que renovaria a imagem do exterior e traria ganhos geopolíticos no continente, segundo Sánchez et. al (2011 [2007]). Além disso, foi colocado como promotor de vantagens socioeconômicos como geração de empregos, desenvolvimento do turismo na cidade, melhorias de infraestrutura urbana (MOLINA 2013), atração de investimentos e quem sabe - de maneira implícita - como um dos instrumentos para melhorar a imagem política a nível doméstico, que conforme Castro, Mendonça e Grohmann (2020) era repleta de desconfianças e desgastes.

A fim de encaminhar tais objetivos e possíveis legados, os XV Jogos Pan-Americanos contaram com uma ampla articulação dos diferentes níveis de governo (federal, estaduais e municipais) e do capital privado em busca de

⁹⁹ No original: “[...]neoliberal paradigm was established in Latin America”.

benefícios políticos e econômicos (BIENENSTEIN, et. al, 2011, p. 123). O processo se iniciou a partir da candidatura ao torneio, que contou com um *marketing* intenso para vender a cidade como uma receptora perfeita de megaeventos esportivos internacionais.

Pautada na ideia de realizar um torneio nos padrões olímpicos que serviriam como vitrine para captar o principal megaevento multiesportivo do mundo, a candidatura à décima quinta edição dos Jogos Pan-Americanos inicia-se de forma oficial em 2001 a partir da entrega do dossiê junto à Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) que, em 24 de agosto de 2002, anunciou a vitória do Rio de Janeiro (MOLINA, 2013, p. 142) durante a XV Assembleia Geral da organização, ocorrida na Cidade do México. Sob discursos de diferentes legados tangíveis e intangíveis que os Jogos proporcionariam à cidade, o Rio de Janeiro superou a favorita concorrente norte-americana San Antonio por 31 votos a 20 na fase final da disputa.

Destacam-se dentro do processo que levou à vitória da cidade brasileira: dois grandes estudos encomendados à universidade local (NOTHEN, 2016, p. 4, tradução nossa¹⁰⁰) os quais, de acordo com o Relatório do Pan-2007 contribuíram na distribuição dos equipamentos dos jogos - concentrados na Barra da Tijuca - e no projeto de candidatura em si; atrelado a isso, verificou-se a formação de grupos de trabalhos para cada tema exigido pela ODEPA dentro do projeto, os grupos eram compostos por técnicos dos três níveis de governos, membros do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e membros da Fundação Getúlio Vargas (FGV); houve também, de acordo com Santos (2014), a criação do Conselho Nacional do Esporte composto por representantes de diversos ministérios, conselhos nacionais e comissões ligados ao esporte; por fim, vale reforçar a colaboração de todos os níveis de governo, na época ainda liderado pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso.

Soma-se a tais medidas a inesperada realização dos Jogos Sul-Americanos de 2002, que foi suspenso conforme consta no Relatório Oficial do Pan-2007 pela Organização Desportiva Sul-americana (ODESUR) em virtude de conflitos internos na então cidade-sede Bogotá, na Colômbia. Desta maneira, o COB representado pelo presidente Carlos Arthur Nuzman assumiu o compromisso de organizar - em

¹⁰⁰ No original: "Two major studies were commissioned from a local university".

tempo recorde - o campeonato que fortaleceria ainda mais a candidatura Pan-Americana e provaria a capacidade do país em materializar megaeventos esportivos internacionais. O campeonato foi um sucesso, e constituiu-se em um momento perfeito para unir forças e obter apoio na eleição do torneio continental, como ocorrido no evento de abertura por exemplo

Na cerimônia de abertura, não foi apenas Nuzman que pediu votos. O presidente de honra da FIFA, João Havelange, o Ministro do Turismo e Esporte do Brasil, Carlos Luiz de Carvalho, e o prefeito do Rio de Janeiro, Cesar Maia, pediram os votos dos 19 países representados no Rio. Sediar os Jogos Pan-Americanos em 2007 foi parte de uma estratégia política internacional mais ampla para posicionar o Brasil no cenário internacional (SANTOS, 2014, p.9, tradução nossa¹⁰¹).

Diante desses e outros esforços e acontecimentos, o Brasil inicia sua trajetória de megaeventos esportivos no século XXI com o Pan-2007. Ao longo da preparação para o evento, diversas medidas foram tomadas e dentre elas algumas chamam a atenção: a criação do Comitê Organizador do Rio (CO-Rio) responsável pela parte organizacional do evento que tinha a pretensão de ser um dos maiores já realizados em toda história do torneio. Para isso, contrata-se a empresa de consultoria internacional MI Associates PTY de origem australiana (BIENENSTEIN et. al, 2011, p. 130) especializada em planejamento de grandes eventos internacionais, inclusive uma das responsáveis pelos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000. Além da MI Associates, o Relatório do Pan-2007 aponta que o Comitê Organizador também contratou a Ernst & Young, outra empresa de consultoria especializada em implementação de projetos, que atuaria em diversos campos dentro desse processo.

Neste emaranhado de ações e agentes, ao longo do tempo também foram-se construindo os equipamentos para os Jogos que ficaram concentrados de acordo com Molina (2013) em quatro áreas: Barra da Tijuca, Deodoro, Maracanã e Pão de Açúcar, cada um deles contendo instalações provisórias e permanentes. A maior parte dos equipamentos e dos investimentos foram destinados à região da Barra da Tijuca, que conforme o Relatório Oficial do torneio era o coração dos Jogos,

¹⁰¹ No original: "At the opening ceremony, not only Nuzman asked for votes. FIFA's honour president, João Havelange, Brazil's Tourism and Sports Minister, Carlos Luiz de Carvalho, and Rio de Janeiro's mayor, Cesar Maia asked for the votes of the 19 countries represented in Rio. Hosting the Pan American Games in 2007 was part of a broader international political strategy to position Brazil in the international scenario".

abrigando não somente a maior parte dos locais de prova, mas também, a Vila Pan-Americana onde ficariam os atletas e que posteriormente seria destinado a moradias das classes média e alta.

O Pan-2007 pretendia ser o mais grandioso de todos os tempos com modernas instalações esportivas, transformações na infraestrutura urbana e uma agenda social (MASCARENHAS; BORGES; MARQUES, 2011, p. 201-202). No entanto, com grandes ambições geralmente aparecem grandes problemáticas e dentro do processo de implementação dos Jogos do Rio não foi diferente. A primeira questão reside justamente na concentração de equipamentos em áreas nobres, escolha da gestão da cidade que buscou atender aos diversos interesses empresariais (MASCARENHAS, 2011 [2008], p. 42). Durante o processo tornam-se evidentes

[...] operações destinadas a favorecer a especulação imobiliária, beneficiar empreiteiras, promover a valorização fundiária, implantar moderna infraestrutura (telecomunicações) em áreas nobres, aquecer o setor hoteleiro, assegurar a permanência de grupos políticos no Executivo local, fomentar o ufanismo urbano (“a cidade como Pátria”, conforme Vainer, 2000) e projetar internacionalmente a imagem da cidade (BIENENSTEIN et. al, p. 147).

Atrelado a esses pontos, também foi possível verificar durante os preparativos para o megaevento esportivo, impasses como

[...] um significativo descompasso no cronograma de execução e entrega das obras (principalmente o Estádio Olímpico João Havelange e a Vila-Pan-Americana), e a ocorrência de desapropriações envolvendo a população de baixa renda situada em áreas de construção de alguns equipamentos (especificamente na Barra da Tijuca e em Deodoro), alterações na legislação urbana e ambiental em função das novas construções, assim como o não cumprimento de diversas obras previstas no projeto inicial (MOLINA, 2013. p. 142-143).

Por se tratar de um projeto totalmente voltado ao mercado, o processo não teve a participação da sociedade civil que muitas vezes foi diretamente atingida pelas intervenções urbanas realizadas por parte da gestão e do capital privado. Perante a essa situação, surgiram movimentos sociais de resistência que questionavam a forma como a cidade estava sendo conduzida para realizar esse megaevento, o gasto público para consolidá-lo e entre outros aspectos. O principal movimento criado a época foi o Comitê Social do Pan, o qual

[...] foi constituído por representantes de associações de moradores, de outras entidades ativistas e de cidadãos e profissionais ligados à cidade e a gestão (arquitetos, economistas, professores, geógrafos, assistentes sociais, assessores políticos, estudantes, entre outros). Seu objetivo central era atuar criticamente nas questões relacionadas aos Jogos Pan-Americanos de 2007, pensando a cidade e agindo sobre ela durante os preparativos dos jogos, sua realização e, posteriormente, em seu legado (MASCARENHAS; BORGES, MARQUES, 2011, p. 196-197).

Mesmo rodeado de ações que beneficiaram uma parcela da sociedade e do território, mesmo com todas as falhas, problemas e mobilizações, e diante de todo esforço de um grupo de agentes governamentais e privados, os Jogos Pan-Americanos de 2007 foram inaugurados. Com uma festa repleta de símbolos aos moldes olímpicos, com inúmeros elementos que fazem parte da cultura brasileira (fauna, flora, folclore, ritmos e festas típicas) e contando com a presença de expoentes da música como: Elza Soares, Daniela Mercury, Chico César e Adriana Calcanhoto, a décima quinta edição dos Jogos Pan-Americanos foram abertos em uma cerimônia de abertura grandiosa e fortemente midiática, realizada para aproximadamente 90 mil espectadores no lendário Estádio do Maracanã, dando início às competições que ocorreriam ao longo de 16 dias.

Participaram das competições cerca de 5.600 atletas de 42 nações das três porções do continente em mais de 40 modalidades esportivas distintas. Tais números, refletem o quanto os Jogos Pan-Americanos foram se expandindo ao longo dos anos, mais do que dobrando o número de atletas e modalidades e dobrando o número de participantes em relação a sua primeira edição realizada na capital argentina em 1951. Em termos de ganhos para os países, pode-se afirmar que foi um sucesso como no torneio inaugural. O anfitrião ficou em terceiro lugar no quadro final com o total de 157 medalhas sendo 52 de ouro, 40 de prata e 65 de bronze, atrás apenas de Estados Unidos que finalizou o torneio na liderança e de Cuba segundo colocado geral.

Os XV Jogos Pan-Americanos, foram encerrados em 29 de julho de 2007 e foram considerados bem-sucedidos em termos esportivos, levando a alguns relatos oficiais a sugerir que o Rio havia estabelecido um novo paradigma para os Jogos Pan-Americanos (NOTHEN, 2016, p. 5, tradução nossa¹⁰²). No entanto, o questionamento que fica é se esse sucesso todo ajudou ou não a projetar a imagem

¹⁰² No original: “[...]some of the official accounts went so far as to suggest that Rio had set in motion a new paradigm for the Pan-American Games”.

do país de alguma forma e quais foram os desdobramentos do evento tão enfatizado pela mídia, pelos agentes esportivos e governamentais por seus supostos legados.

Mas antes de pontuar qual foi o saldo desse megaevento esportivo no país, vale ressaltar a principal crítica presente na literatura a respeito dessa edição, que foi o custo final para materializar os jogos de “nível olímpico” gerador dos desdobramentos que serão elencados posteriormente. O aspecto que engloba os gastos para concretizar o torneio, é repleto de contradições e problemáticas pois, além de cerca de 80% do custo total terem sido efetuados pelo setor público, desfazendo o mito da participação do setor privado nos investimentos da iniciativa (SÁNCHEZ et. al, 2011 [2007], p. 115) poucos foram os retornos sociais do megaevento para a cidade cujos recursos públicos destinados a setores fundamentais como saúde, saneamento e educação encontram-se muito aquém das necessidades básicas da população (MASCARENHAS, 2011 [2008], p. 51). Assim, repleto de obras superfaturadas e em virtude do atraso das obras que demandaram mais aplicação de recursos públicos para serem cumpridas a tempo, no total

Foram gastos 3,7 bilhões de reais no Pan-2007, o que representa oito vezes mais do que o inicialmente previsto, quando da candidatura da cidade em 2002. A um custo 15 vezes superior ao do Pan-2003 (Santo Domingo), o Pan-2007 foi o mais caro de toda a história desse evento continental, cuja primeira edição ocorreu em 1951 (BIENENSTEIN et. al, 2011, p. 143-144).

Como indicado, esse elevado gasto de recursos públicos não se converteu em benefícios à população em geral, ao esporte brasileiro e ao desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro como um todo. Ao contrário, tais custos contribuíram ainda mais para o acirramento das disparidades socioespaciais que privilegiaram, em grande medida, equipamentos esportivos que posteriormente foram transferidos para a iniciativa privada (SÁNCHEZ et. al, 2011 [2007], p. 116) contraditoriamente, gerando lucros para a parcela que menos contribuiu para a materialização do megaevento considerado bem-sucedido.

Embora o foco do presente trabalho não seja apontar tais questões, é de suma importância colocá-las em relevo pois elas fizeram parte não apenas do processo, mas também dos resultados políticos dos Jogos Pan-Americanos de 2007 para o Brasil e para os governantes que também tiraram proveito dos mesmos,

como foi o caso do então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, César Maia. Considerado uma das figuras centrais no processo de implementação do torneio, ele buscou associar o espetáculo dos Jogos à sua própria imagem, com o fito de se projetar no cenário eleitoral (SÁNCHEZ, et. al, 2011[2007], p. 104), ou seja, além de utilizar-se da conquista de sediar os Jogos para ser reeleito em 2003, Maia trazia para sua administração todos os ganhos relacionados ao evento, afirmando sua competência e capacidade na gestão da cidade frente aos novos desafios a ela colocados (BIENENSTEIN et. al. 2011, p. 140). O fato do prefeito sempre trazer para si as questões relacionadas ao megaevento esportivo, acabou gerando alguns embates entre ele e os gestores federais, que afirmavam que o Pan não era algo local como César Maia sempre procurava enfatizar na mídia e sim uma conquista de todo o Brasil, como pontua Sánchez et.al (2011 [2007]). Essas disputas internas, escancaram o alto grau de politização do evento que desde sua gênese encontra-se imerso em questões diplomáticas das mais variadas ordens.

Dentre tais questões, encontra-se a busca de projeção de imagens positivas do país para o exterior que se tornou um dos principais objetivos dos governos que buscam sediar os megaeventos esportivos, um típico exercício de *soft power*. No caso brasileiro aqui analisado, pode-se observar uma intensa articulação de diferentes atores em busca dessa projeção internacional que de certa forma foi bem-sucedida. Mesmo que na época o Brasil governado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva já estivesse numa crescente inserção e projeção internacional positivas, os Jogos Pan-Americanos contribuíram para apresentar ou até mesmo reforçar - mesmo com algumas distorções - características do país como: sua diversidade, cultura, potencial social, econômico e turístico, sua política e claro sua capacidade em abrigar megaeventos esportivos de grande porte que consequentemente aumentaria ainda mais o *soft power* brasileiro por meio do esporte.

Desta maneira, o Brasil não conseguiu adquirir apenas um megaevento esportivo de primeira ordem mas dois em um curto espaço de tempo. A primeira conquista foi a da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, que foi anunciada em outubro de 2007, meses após o fim dos Jogos Pan-Americanos. Dois anos depois de ser escolhido para abrigar o torneio de futebol, o Brasil após uma intensa campanha e sob muita expectativa foi anunciado como país sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016, um feito inédito para as cidades da América do Sul

que até aquele momento não haviam conseguido “convencer” o Comitê Olímpico Internacional (COI) para serem sede dos Jogos (SANTOS; SANTOS, 2009, p.2). Diante disso, tanto a literatura, quanto as reportagens e relatórios apontam que

O grande legado dos Jogos Pan-americanos foi demonstrar aos delegados do Comitê Olímpico Internacional (COI) a capacidade da cidade em organizar eventos esportivos de porte significativo. Isso foi decisivo para conferir melhores condições para que o Rio de Janeiro pudesse vencer o processo de escolha da cidade sede. Este foi o principal legado, destacado pelos dirigentes esportivos e pelos governantes no sentido de mostrar que sem os Jogos Pan-americanos de 2007 haveria maiores dificuldades para o sucesso da candidatura olímpica (MIAGUSKO, 2012, p. 404).

Mesmo diante de uma série de problemáticas e contradições que permearam todo processo de implementação do Pan-2007, tais resultados nos levam a afirmar que o Brasil foi bem sucedido em seu *soft power* pois conseguiu atrair os dois principais megaeventos esportivos do mundo (CASTRO; MENDONÇA; GROHMAN, 2020, p. 22), e consequentemente alcançar a visibilidade internacional desejada (MOLINA, 2013, p. 182). O Rio de Janeiro, conseguiu atingir o feito que Buenos Aires não conseguiu em 1951, mesmo após diversas tentativas e esforços do governo peronista.

Mas se após os Jogos Pan-Americanos a escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 com apenas dois anos de intervalo foi um indicativo de prestígio internacional do presidente Lula e de seu governo, o mesmo não ocorreu internamente (CASTRO; MENDONÇA; GROHMAN, 2020, p. 14). Diferentemente de Perón que foi bem-sucedido em seu país, o Brasil não obteve o mesmo resultado em virtude de alguns fatores também de cunho político. Destacam-se dentro das razões do insucesso perante a opinião pública: a constatação de que o processo dos Jogos Pan-Americanos, bem como dos demais megaeventos esportivos que viriam a seguir não beneficiou a sociedade como um todo mas trouxe ganhos para as elites políticas estabelecidas, bem como para os principais burocratas que dirigem as várias federações esportivas nacionais (NOTHEN, 2016, p. 7, tradução nossa¹⁰³). Junto ao retorno social inexpressivo do legado deixado para a cidade (SÁNCHEZ, et.al, 2011[2007]), p.113), haviam ainda de acordo com Castro, Mendonça e Grohmann (2020) um relativo desgaste da

¹⁰³ No original: “[...]the established political elites, as well as the top bureaucrats who run various national sports federations with very little concern for democratic governance”.

imagem do governo em virtude dos sucessivos escândalos de corrupção como “mensalão” e além claro da histórica baixa confiança em todas as instituições brasileiras em virtude do histórico político no país que anos antes da concretização dos Jogos estava imerso em uma violenta ditadura militar que deixou vestígios de desconfianças ao longo do tempo.

Todos os dilemas, contradições, objetivos, problemáticas e processos aqui analisados nos mostram que os efeitos dos eventos esportivos tanto sob a imagem internacional de uma nação quanto sob seu próprio território são imprevisíveis. Mesmo que os motivos primários e secundários para sediar megaeventos esportivos variem, é claro, entre os Estados, os tipos de regime, as regiões e o tempo (GRIX, LEE; p. 528, 2013, tradução nossa¹⁰⁴), as aspirações dos governantes que buscam sempre alçar voos maiores tanto em termos de mostrar suas políticas como benéficas e conseguir investimentos e apoiadores para as mesmas, quanto na busca de mostrar as potencialidades e capacidades de seus países para adquirir outros megaeventos, se assemelham e a história dos Jogos Pan-Americanos - em suas várias edições - que se tornou um megaevento esportivo consolidado, altamente midiático e fortemente lucrativo nos mostra isso.

¹⁰⁴ No original: “Primary and secondary reasons for hosting sports mega-events vary, of course, across states, regime types, regions and time”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da exposição, foi possível notar as distintas funções que o esporte adquiriu ao longo das décadas, sobretudo a partir do século XX. Destaca-se dentre as diversas atribuições dessa ferramenta cultural seu uso diplomático na promoção de agendas, imagens e/ou ideologias, configurando-se enquanto um forte elemento atrativo do chamado *soft power*. Atualmente, o exercício do *soft power* por meio do esporte tem-se materializado a partir dos chamados megaeventos esportivos, sejam através daqueles historicamente realizados como os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo de Futebol Masculino, ou seja por intermédio daqueles com escalas menores que foram surgindo e adquirindo relevância ao longo do tempo, como os Jogos Pan-Americanos.

Ao analisar as edições desse que hoje configura-se como o principal megaevento esportivo continental do mundo, percebe-se que cada uma delas possui particularidades em seus aspectos políticos que chamam a atenção. Curiosamente, uma das edições que desperta o interesse por ter tido um extenso uso político para promoção da imagem de um país e de seu respectivo governo é justamente o torneio inaugural, ocorrido no início dos anos 1950 em Buenos Aires. Em contrapartida, verificou-se que a edição de 2007 do Rio de Janeiro, realizada em um contexto continental totalmente distinto, também se colocou como um potente objeto de análise em virtude de seu uso político para projetar a imagem do país visando alcançar outros objetivos.

Tais exemplos, nos trouxe a heterogeneidade que permeia o mundo dos esportes e dos megaeventos esportivos utilizados pelos governos enquanto ferramentas de *soft power* para alcançar a almejada visibilidade internacional. Essa pluralidade explicita que diferentemente dos mecanismos coercitivos do *hard power*, a forma de poder brando tem sido cada vez mais acionada, se tornando essencial por mobilizar paixões compartilhadas, reforçar identidades nacionais, promover agendas diplomáticas, entre outros aspectos. Os estudos dos usos dos megaeventos esportivos enquanto instrumento político mostra-se relevante pois nos leva a refletir sobre como se dão algumas mobilizações neste campo na contemporaneidade sem o uso de ferramentas mais duras para alcançar algumas metas externas dos governos.

Ao se mostrar um campo intrigante para investigação, atrelado ao fato dos Jogos Pan-Americanos serem pouco explorados no meio acadêmico, o presente estudo buscou trazer algumas perspectivas que permeiam especificamente esse aspecto político. Para alcançar o resultado esperado, procurou-se responder a seguinte questão: como se deu o uso do *soft power* nas edições dos Jogos Pan-Americanos de 1951 e de 2007 e quais foram os desdobramentos em termos de melhoramento e/ou promoção de imagens para suas respectivas nações anfitriãs?

No que tange a edição realizada sob a égide do governo de Juan Perón, líder que compõe a lista de governos populistas, autoritários e ditatoriais que fizeram parte da América Latina, pode-se notar alguns pontos que talvez respondam a tal questionamento. Como vimos, o esporte e os megaeventos esportivos fizeram parte da política peronista seja na tentativa de construção de sua nação socialmente justa, economicamente independente e politicamente soberana, seja no controle político a nível doméstico ou como meio de projeção da Nova Argentina que visava ser como uma vitrine politicamente bem administrada para captar mais adeptos dentro do continente à época imerso na polarização decorrente da Guerra Fria.

Como foi possível observar ao longo do texto, o processo que levou a inauguração dos Jogos Pan-Americanos esteve permeado por embates políticos, sobretudo entre os Estados Unidos e a Argentina, que refletiram no saldo do torneio. Desta forma, todo processo que inicialmente não tinha interferência política - pelo menos por parte dos argentinos - passou a ter um alto grau de politização principalmente a partir da ascensão do regime peronista.

Mas, mesmo que os Jogos Pan-Americanos tenham sido inaugurados por um regime que tinha aversão às políticas imperialistas norte-americanas, o principal alvo dos argentinos em termos de melhoramento de imagem era justamente os EUA, onde o país sul-americano não era visto com bons olhos em virtude da neutralidade adotada na Segunda Guerra Mundial e das aspirações de Perón dentro do continente. Por óbvio, as opiniões do país norte-americano a respeito da Argentina refletia nas opiniões dos demais países, o que tornou a missão de Perón ainda maior.

Partindo desse estereótipo negativo que o país e seu líder tinham a nível externo e visando quebrá-lo, os organizadores da primeira edição dos Jogos Pan-Americanos buscaram realizar um evento bem-sucedido. O caminho utilizado

pelo líder populista para mostrar uma Argentina diferente e grandiosa, ou em outras palavras, sua “Nova Argentina” inicia-se com a implantação de uma boa estrutura física para os atletas e com a realização de uma excelente recepção às delegações que foram competir no país. Somam-se a essas primeiras ações, as notáveis cerimônias de abertura e de encerramento repletas de elementos que remetiam aos famosos Jogos Olímpicos e que davam um status ainda mais grandioso ao mais novo megaevento esportivo internacional e a própria Argentina peronista. Por fim, dentro dessa busca por projetar a imagem do país em construção através dessa ferramenta cultural, destacam-se também os discursos realizados pelos líderes políticos e esportivos, os quais, procuravam atribuir o sucesso do torneio inaugural às políticas peronistas, que estavam ali unindo os povos das Américas pelo mesmo propósito e claro, querendo mostrar também que tudo era possível através da “Terceira Posição”.

Essas movimentações certamente tiveram alguns desdobramentos para o esporte e para a imagem da Argentina. De modo geral, os Jogos Pan-Americanos tiveram um saldo positivo em termos esportivos dentro do continente, consolidando-se a partir dessa edição como um importante campeonato para os atletas que naquele período tinham oportunidades reduzidas de competirem nos Jogos Olímpicos. Atrelado a isso, essa edição do torneio hemisférico foi essencial para mostrar a capacidade de países do sul global de sediar megaeventos esportivos grandiosos e de produzirem atletas de alto nível.

Os feitos no campo esportivo foram muito importantes para o esporte e para os argentinos que terminaram os Jogos liderando o quadro de medalhas. No entanto, o que interessa de fato é se as aspirações peronistas de modificar a imagem negativa do país no exterior foram alcançadas, especialmente nos Estados Unidos. Como observado, os desdobramentos políticos foram variados: para alguns membros de países de como Espanha, Nicarágua, Chile, México e Guatemala foi possível construir uma boa impressão tanto sobre a nação que vivia sob a intensa disseminação de aspectos negativos decorrentes do passado assim como também agregar uma certa visão positiva sobre as possibilidades de uma “Terceira Posição” em termos econômicos. Para membros de países como Brasil e alguns europeus, os Jogos Pan-Americanos não tiveram repercussão ou influência política. Já nos Estados Unidos, principal alvo da Argentina, os Jogos não tiveram nenhum efeito

positivo, ao contrário, serviram apenas para reforçar as associações de Perón a Hitler e suas políticas nazistas.

Tais desdobramentos nos levam a concluir que mesmo com alguns saldos positivos em termos esportivos e mesmo com uma repercussão positiva para o governo a nível interno, o uso dos Jogos Pan-Americanos enquanto instrumento de *soft power* não foi bem-sucedido para a Argentina naquela ocasião. Essa afirmativa, se sustenta no fato de que mesmo captando alguns simpatizantes naquele momento, a consolidação das aspirações econômicas de Perón não ganharam força e nem se concretizam posteriormente. Ademais, pesa para tal afirmação o fato de que o principal objetivo, que era modificar a visão dos norte-americanos sobre os argentinos e quem sabe melhorar as trocas diplomáticas entre os dois países, também não teve o êxito desejado.

Por outro lado, ao analisar a edição de 2007 foi possível verificar que assim como o cenário político e econômico era totalmente oposto ao da década de cinquenta, o saldo para a imagem do país anfitrião e o alcance do principal objetivo também foi diferente do observado em 1951. Notou-se que, ao contrário da Argentina, o Brasil que sediou os XV Jogos Pan-Americanos já vinha, há algum tempo, construindo e projetando uma boa relação e imagem no âmbito internacional e o principal objetivo nessa ocasião era mostrar ao mundo - sobretudo às autoridades esportivas do COI - a capacidade do país de abrigar os sonhados Jogos Olímpicos de Verão.

Para alcançar esse propósito, realizaram-se articulações entre diversos atores políticos, esportivos e privados, os quais buscaram mostrar um Brasil culturalmente diverso, comprometido com o esporte e que futuramente colheria os frutos dos legados materiais e imateriais dos Jogos continentais de “padrões olímpicos”. Assim, verificou-se um elevado número de investimentos em setores como: construção civil; equipamentos esportivos provisórios e permanentes; segurança; transporte entre outros aspectos, tudo para vender a cidade como um palco perfeito para megaeventos esportivos maiores.

Embora a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 tenham gerado diversos conflitos e consequências socioespaciais bastante profundas e ainda que a visão do governo perante a opinião pública não tenha se tornado positiva, foi possível verificar que o objetivo central dos agentes envolvidos foi alcançado. A projeção da imagem da cidade e consequentemente do país por meio desse torneio

foi bem-sucedida pois teve como saldo principal o direito de sediar os dois principais megaeventos esportivos em sequência sendo a Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2014 e os Jogos Olímpicos de verão - que chegaram a América do Sul pela primeira vez - em 2016.

Levando em consideração que o objetivo principal com os Jogos Pan-Americanos tenha sido alcançado, é possível concluir que o Brasil foi bem-sucedido na utilização do megaevento continental enquanto instrumento de *soft power*. Diante da materialização dos Jogos aos “padrões olímpicos”, os atores envolvidos no processo, induziram os membros do Comitê Olímpico Internacional a quererem aquilo que a América do Sul - inclusive a própria Argentina peronista - buscava há décadas.

Talvez a maior estabilidade política no continente, o novo cenário econômico, o maior intercâmbio entre as pessoas e as nações do mundo, a relevância que o esporte olímpico latino-americano adquiriu, e claro, o grande crescimento dos meios de comunicação que ainda estavam se desenvolvendo e adquirindo relevância na década de 1950, tenham sido fatores essenciais para o resultado positivo o Brasil.

Mesmo não conseguindo o êxito nesse aspecto, a Argentina peronista sempre será lembrada na história dos Jogos Pan-Americanos, os quais carecem de mais investigações no campo acadêmico pois, constituem-se como um meio de intercâmbio cultural entre os países do continente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERNA, Joseph L. Nationalism and sport in Latin America, 1850-1990: the paradox of promoting and performing ‘European’ sports. *The International Journal of the History of Sport.* v. 12, n. 2, 220-238, mar 2007 [1995]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09523369508713904>. Acesso em: 15 set. 2024.

ABERNA, Joseph L. Sport and the Study of Latin American History: An Overview. *Journal of Sport History*, v. 13. n. 2, p. 87-96, 1986. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43611540>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ABERNA, Joseph L. The Later evolution of modern sport in Latin America: The North American Influence. *The International Journal Of the History of Sport.* v. 18, n. 3. p. 43-58, set. 2001 Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/714001593>. Acesso em: 17 dez. 2024.

ALMEIDA, Marco B. de; GUTIERREZ, Diego. O Soft power do Brasil e a cobertura da mídia internacional da copa do mundo da FIFA 2014. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos do Lazer. v. 21, n. 2, p. 226-257, jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1841>. Acesso em: 5 set. 2024.

BENEDICTO, Danielle B. de M. Desafiando o coro dos contentes: vozes dissonantes no processo de implementação dos Jogos Pan-Americanos, Rio 2007. Esporte e Sociedade. Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Esporte e Sociedade. n. 10. p. 1-29, fev 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48284>. Acesso em: 9 set. 2024.

BETTINE, M.; GUTIERREZ, D.; GRAEFF, B. As reportagens das mídias estrangeiras sobre o Brasil dos megaeventos esportivos: soft power, periferia e dependência. *Movimento*, [S. I.], v. 24, n. 4, p. 1353–1368, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/82438>. Acesso em: 5 set. 2024.

BIENENSTEIN, G. et.al. Megaeventos e metrópoles: insumos do Pan-2007 para as Olímpiadas de 2016. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 123-161.

BLACK, David. “Dreaming Big: The Pursuit of ‘Second Order’ Games as a Strategic Response to Globalisation”; *Sport in Society*, v. 11, n. 4, p. 467– 480, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17430430802019441> Acesso em: 24 dez. 2024.

CASTRO, Henrique Carlos O.; MENDONÇA, Carla; GROHMANN, Luis Gustavo M. Megaeventos esportivos no Brasil: entre o *soft power* e a cultura política. *Relações Internacionais no Mundo Atual*. v. 4, n. 29, p. 359-386, 2020. Disponível em:

<https://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RIMA/article/view/4170>. Acesso em: 09 jul. 2024.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Participação do Brasil. Disponível em: <https://www.cob.org.br/time-brasil/participacoes/3556-rio> . Acesso em: 29 mar. 2025.

DACOSTA, Lamartine P. The IOC Geopolitics in South America, 1896-1936. *Journal of Olympic History*, v. 10, n.3, p. 61-67, 2002. Disponível em: https://library.olympics.com/network/doc/SYRACUSE/2874893/the-ioc-geopolitics-in-south-america-1896-1936-by-lamartine-p-dacosta?_lg=en-GB . Acesso em: 17 dez. 2024.

DYRESON, Mark. The Original Pan-American Games? The 1937 Dallas Pan-American Olympics. *The International Journal of the History Sport*. v. 33, n. 1-2 p. 6-28, mar. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2016.1152959> . Acesso em: 23 dez. 2024.

DITCHTER, Heather L. The Diplomatic Turn: The New Relationship between Sport and Politics. *The International Journal of the History of Sport*. v. 23, n. 2-3, p. 247-263, mar. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2021.1894135> . Acesso em: 15. set. 2024.

ELSEY, Brenda. Cultural Ambassadorship and the Pan-American Games of the 1950s. *The International Journal of the History of Sport*. v. 33, n.1-2, p. 105-126, mar. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2015.1117451> . Acesso em: 15 set. 2024.

FONSECA, Pedro C.D; HAINES, Andrés F. Desenvolvimento e política econômica: um cotejo entre Vargas e Perón. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, n. (esp) , p. 1043-1074, dez 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-06182012000400013> . Acesso em: 06 fev. 2025.

GRIK, Jonathan; HOULIHAN, Barrie. Sports Mega-Events as Part of a Nation's Soft Power Strategy: The Cases of Germany (2006) and the UK (2012). *The British Journal of Politics and International Relations*, v. 16, n. 4, p. 572-596, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-856X.12017> . Acesso em: 25 nov. 2024.

GRIK, Jonathan; LEE, Donna. Soft power, sports mega-events and emerging states: the lure of the politics of attraction. *Global Society*. Canterbury. v 27, n 4. p. 521- 536, set 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13600826.2013.827632> . Acesso em: 02 out. 2024.

GRIK, Jonathan; BRANNAGAN, Paul Michael; HOULIHAN. Interrogating States Soft power strategies: A case study of Sports Mega-Events in Brazil and the UK. *Global Society*. v. 29, n.3, p. 463-479, jun. 2015. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13600826.2015.1047743> . Acesso em: 02 out. 2024.

HÉMEURY, Lucie. En busca del deporte panamericano: Orígenes y recepción internacional de los primeros juegos deportivos. Recorde: Revista de História do Esporte. v. 17, n. 1, p. 1-25, jul. 2024. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/Recorde/article/view/64795> . Acesso em: 26 dez. 2024.

MARTINELLI, Caio Barbosa . O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. Conjuntura Global, [S. I.], v. 5, n. 1, jun 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/47424> . Acesso em: 5 fev. 2025.

MASCARENHAS, G., Desenvolvimento urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua:megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 27-39.

MASCARENHAS, G.. O ideário urbanístico em torno do olimpismo: (Barcelona, 1992) e Rio de Janeiro (2007) In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua:megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011[2008], p. 41-56.

MASCARENHAS, G.. Inventando a “cidade esportiva”(futura cidade olímpica): grandes eventos e modernidade no Rio de Janeiro. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua:megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 59-82.

MASCARENHAS, Gilmar. Os Jogos Pan-Americanos de 1963.In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua:megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 83-97.

MASCARENHAS, G.; BORGES, F; MARQUES, C. Como ficam os movimentos sociais em tempos de empreendedorismo urbano? Conflitos e articulações por ocasião do Pan-2007. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua:megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 195-216.

MASCARENHAS, Gilmar *et al.* Megaeventos esportivos e cidades: resistência popular e crise de um modelo. Anais do XVII ENANPUR, v.17, n.1, p. 1-6, 2017. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/view/2443>

MASCARENHAS, G. Cidade mercadoria, cidade-vitrine, cidade turística: a espetacularização do urbano nos megaeventos esportivos. Caderno Virtual de Turismo. edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl.1, s.52-s.65, nov. 2014. Acesso em: 06 abr. 2024.

MEMÓRIA GLOBO. Jogos Pan-Americanos 2007. 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/jogos-pan-americano-2007/noticia/jogos-p-an-americanos-2007.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MELO, Victor Andrade de. History of Sport in Brazil and in South America: Visibility for New Looks. The International Journal of the History of Sport, v. 34, n. 5-6, p. 399-404, out. 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/figure/10.1080/09523367.2017.1382476?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 11 Jan 2025

MIAGUSKO, Edson. Antes da Copa depois do Pan. O Rio de Janeiro na era dos megaeventos esportivos. Civitas. Revista de Ciências Sociais. v. 12, n. 2, 2012. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74223598010>. Acesso em: 04 nov. 2024.

MOLINA, Fabio Silveira. **Mega-eventos e produção do espaço urbano no Rio de Janeiro: da "Paris dos Trópicos" à "Cidade Olímpica"**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MULLER, Martin. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. Leisure Studies. v. 34, n.6, p. 627-642, jan. 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614367.2014.993333>. Acesso em: 02 out. 2024.

NOTHEN, Guilherme. Paving the Olympic Dream: The Politics of the 2007 Pan-American Games in Rio de Janeiro. The International Journal of the History of Sport. v. 33, n. 1-2, p. 203-216, jan. 2016. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2016.1149473>. 15 set. 2024.

NOVELLI, Douglas Henrique. **Entre a relevância empírica e a fragilidade teórica: uma proposta de reformulação para o conceito de soft power**. 2023. Tese (Doutorado em Ciência Política). Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

NOZAKI, H. T.; PENNA, A. M. Jogos Pan-Americanos Rio de Janeiro 2007: por trás das cortinas do grande espetáculo. Lecturas Educación Física y Deportes, Buenos Aires, ano 12, n. 110, jul. 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd110/jogos-pan-americanos-rio-de-janeiro-2007.htm>. Acesso em: 13 mai. 2024.

NYE, Joseph S. Soft power: The means to success in world politics. Public Affairs, 2004.

NYE, Soft power: the evolution of a concept. Journal of Political Power. v. 14, n. 1, p. 196-208, fev. 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2158379X.2021.1879572>. 13 dez. 2024.

ORLANDO Silva: Abertura do Pan foi "a festa mais linda que já vi". VERMELHO A esquerda bem informada. 14 ago. 2007. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2007/07/14/orlando-silva-abertura-do-pan-foi-a-festa-mais-linda-que-ja-vi/> . Acesso em: 28 mar. 2025.

OSELAME, Mariana C. Os Jogos Pan-Americanos como expressão do pan-americanismo nas páginas do jornal O Globo. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM). v. 5, n.1, jan/2016.

PANAMSPORTS. The History of the Pan American Sports Organization. Disponível em: <https://www.panamsports.org/en/about-panamsports/history/> . Acesso em: 24 fev. 2025.

PAULINO, Luís Antonio. Esportes, Megaeventos Esportivos e Relações Internacionais/Sports, Sport Mega Events and International Relations. Brazilian Journal of International Relations, Marília, SP, v. 4, n. 1, p. 21–37, 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/5000>. Acesso em: 27 nov. 2024

PIGNATELLI, Adrián. Ramón Castillo, el presidente que mantuvo neutral al país en la Segunda Guerra Mundial y murió con 47 pesos en el banco. Infobae. 11 out, 2024. Disponível em: <https://www.infobae.com/sociedad/2024/10/12/ramon-castillo-el-presidente-que-mantuvo-neutral-al-pais-en-la-segunda-guerra-mundial-y-murio-con-47-pesos-en-el-banco/> . Acesso em: 04 fev. 2025.

REIN, Raanan. ‘El primer deportista’: the political use and abuse of sport in peronist Argentina. The International Journal of the History of Sport. v. 15, n. 2, p. 54-76, 1998. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523369808714028> . Acesso em: 07 mar. 2025.

REIN, Raanan. Turning the Country into an “Immense and Clamorous Stadium”: Perón, the New Argentina, and the 1951 Pan-American Games. The International Journal of the History of Sport. v. 33, n. 29-43, p. 1-15, dez. 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523367.2015.1101454> . Acesso em: 03 jan. 2025.

RELATÓRIO Oficial dos XV Jogos Pan-Americanos e III Jogos Parapan-Americanos Rio 2007. [Comitê Olímpico Brasileiro: Prefeitura do Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro: Governo Federal - Ministério do Esporte 2009]. Disponível em:<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/esporte/imprensa/publicacoes/jogos-pan/panvolume1.pdf> . Acesso em: 20 jan. 2025.

ROCHE, Maurice. Mega-events and Modernity: Olympics and expos in the growth global culture. London: Routledge, 2000.

ROTHMANN, Steven B. Revising the soft power concept: what are the means and mechanisms of soft power?. Journal of Political Power. v. 4, n. 1, p. 49-64, mar 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/2158379X.2011.556346> . Acesso em: 05 set. 2024.

SÁNCHEZ, Fernanda et.al. Jogos Pan-Americanos Rio 2007: um balanço multidimensional. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco e SÁNCHEZ, Fernanda (orgs.). O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 99-122.

SANTOS, Doiara S. dos. Avery Brundage, Pan-American Games, and Entrenchment of the Olympic Movement in Latin American. 2015. Tese (Doutorado em Educação Física), University of Western Ontario (UWO), London, 2015. Disponível em: <https://ir.lib.uwo.ca/etd/3370/>. Acesso em: 07 mai. 2024.

SANTOS, Doiara S. dos. From Ideological Aspirations to Political Inclinations: Avery Brundage, Peronism, and the First Pan-American Games. Thirteenth International Symposium for Olympic research. 2016, p. 49-55. Disponível em: <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll10/id/14024/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

SANTOS, Doiara S. dos. Os Jogos Pan-Americanos e o Enraizamento do movimento olímpico na América latina. Movimento Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 989-1000, jul/set de 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/72860/43880>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SANTOS, Guilherme F.; SANTOS, Doiara S. dos. O discurso midiático dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e a candidatura aos Jogos Olímpicos de 2016: O “trampolim” do Brasil. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador, p. 1-8, set. 2009.

SANTOS, João Manuel C.M. Brazil: An Emerging Power Establishing Itself in the World of International Sports Mega-Events. The International Journal of the History of Sport. v. 31, n. 10, p. 1312-1327, fev. 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2013.871265>. 09 out. 2024.

SOUSA, Filipe A. de B.; SATYRO, Allan G.; CAMINHA, Iraquitan O. Jogos Pan-Americanos: Confraternização entre os povos da América. XI Encontro de Iniciação à Docência. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009

TORRES, Cesar R. Stymied Expectations Buenos Aires Persistent Efforts to Host Olympic Games. *Olympika: The International Journal of Olympic Studies*. p. 43-75, 2007. Acesso em: 17 set. 2024.

TORRES, Cesar R. The limits of Pan-Americanism: the case of the failed 1942 Pan-American Games. *The International Journal of the History of Sport*, v. 2, n. 17, p. 2547-2574, dez. 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09523367.2011.627198>. Acesso em: 23 dez. 2024.

TORRES, Cesar R. The Latin American ‘Olympic explosion’ of the 1920s: Causes and Consequences. *The International Journal of the History of Sport*, v. 23, n. 7, p. 1088-1111, out. 2006. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09523360600832320>. Acesso em: 23 dez. 2024.

TORRES, César R. Peronism, International Sport and Diplomacy. In: DICHTER, Heather L and JOHNS, Andrew L. *Diplomatic Games: Sport, Statecraft, and International Relations since 1945*. Lexington, University of Kentucky, 2014, p. 151-182.

WINTER, Luís Alexandre Carta; BALAN, Mariana Pabis; BASSO, Murilo. Megaeventos esportivos e soft power: usos do esporte como instrumento de poder pelos Estados. *Conjuntura internacional*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 58–65, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/conjuntura/article/view/26358> . Acesso em: 02 jun. 2024.

WISE, Ken. “Talking Texas to the World: The 1937 Greater Texas e Pan-American Exposition”. *East Texas History*. Disponível em: <https://easttexashistory.org/items/show/376> . Acesso em: 26 fev. 2025.